



GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR

**COTIDIANO DE VIDA E TRABALHO
NA PRODUÇÃO DE LEITE**

GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR
COTIDIANO DE VIDA E TRABALHO NA PRODUÇÃO DE LEITE
Pesquisa DESER - CEMTR/PR

Coordenação da pesquisa:

DESER: Renata Menasche e João Carlos Sampaio Torrens

CEMTR/PR: Maria Salete Escher e Silvia Regina Barguil

Esta publicação:

Elaboração: João Carlos Sampaio Torrens e Renata Menasche

Discussão: Maria Salete Escher, Circe Rodrigues Padilha,
Margarete Preilipper e Inês Vercauteren (componentes da CEMTR)

Fotos: Renata Menasche, Inês Vercauteren e acervo Fetaep

Edição: Michelle Thomé

Apoio: CERIS/CEBEMO

DESER: Rua Ubaldino do Amaral, 374 - 80.060-190 - Curitiba - Paraná
fone: (041) 262-1842 - fax: (041) 262-3062 - e-mail: deser@ax.apc.org
CEMTR/PR: Rua Voluntários da Pátria, 368, 14º andar - Edifício Artur Hauer - 80.020-010 - Curitiba - Paraná
fone: (041) 223-6797 - fax: (041) 222-4083

APRESENTAÇÃO

É com alegria que apresentamos esta publicação. Aqui estão os resultados da pesquisa “Relações sociais de gênero na agricultura familiar - mulheres na produção de leite”, realizada nas regiões Sudoeste e Centro do Paraná.

Alegria em socializar um acúmulo construído coletivamente por muita gente: pessoas e entidades, lideranças e assessores, agricultoras e agricultores. Um acúmulo construído por mulheres e homens. Um acúmulo construído com alegria.

Socializar com sindicatos, organizações de mulheres, associações, organizações não governamentais. Com lideranças, assessores e pesquisadores.

Com os que querem a valorização da agricultura familiar e a construção de um novo projeto de desenvolvimento para o campo, porque essa luta só avançará se em nossas

propostas, políticas e ações contemplarmos as diferentes pessoas que fazem essa agricultura: homens e mulheres; crianças, jovens, adultos e idosos.

Com os que querem a igualdade entre homens e mulheres, porque ela só existirá se conseguirmos torná-la uma luta de mulheres e de homens.

Com os que querem uma nova sociedade, porque a construímos tecendo novas relações de gênero e fortalecendo a agricultura familiar.

Socializar, para fazermos junto. Com alegria.

Curitiba, outono de 1996.

Renata Menasche

pelo DESER

Maria Salete Escher

pela CEMTR-DETR-CUT/PR

SUMÁRIO

I. INTRODUZINDO O ASSUNTO.....	9
I. 1. Gênero: que bicho é esse?.....	11
I. 2. A agricultura familiar do Sul do Brasil.....	14
I. 3. Leite é coisa de mulher!.....	16
II. A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	19
II. 1. Perfil e objetivos da pesquisa..	21
II. 2. Onde foi desenvolvido o trabalho? E quem coordenou?.....	24
II. 3. Os formulários.....	26
II. 4. A aplicação dos formulários.....	31
II. 5. Os seminários regionais e municipais.....	32
II. 6. A concepção metodológica da pesquisa.....	34
III. A UNIDADE DE PRODUÇÃO FAMILIAR.....	39
III. 1. A família.....	41
III. 2. A propriedade.....	51
III. 3. O rebanho leiteiro.....	55
III. 4. Produção e comercialização de leite e derivados.....	58
IV. ROTINA DE VIDA E TRABALHO DA FAMÍLIA.....	63
IV. 1. Um dia na vida de uma família de agricultores.....	66
IV. 2. O trabalho na produção de leite.....	73

IV. 3. Mulheres e homens na relação com os agentes externos à propriedade.....	78
---	-----------

V. MULHERES E HOMENS: MAIS ALGUMAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.....	83
---	-----------

V. 1. As mulheres na produção.....	85
---	-----------

V. 2. Os homens no trabalho doméstico.....	88
---	-----------

V. 3. Leite: problemas e reivindicações.....	89
---	-----------

CONCLUINDO.....	93
------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA.....	97
--------------------------	-----------

QUEM FEZ O QUÊ?.....	99
-----------------------------	-----------

O QUE É A CEMTR.....	104
-----------------------------	------------

O QUE É O DESER?.....	105
------------------------------	------------

I

**INTRODUCENDO O
ASSUNTO**

Oi, tudo bem? Estou com muita saudade de você... mas tenho aproveitado muitas coisas, o que me prepara prá vida. Aqui em Francisco Beltrão participei de um seminário sobre relações sociais de gênero, onde aprendi bastante. Consegui perceber através das exposições e de encenações apresentadas como a gente se relaciona mal dentro da família. Olha, gostaria que você tivesse tido essa oportunidade, com certeza teria gostado. A metodologia trabalhada nos fez perceber aquilo que no dia-a-dia a gente não enxerga com relação ao trabalho do conjunto familiar. Quem me dera poder um dia ver as famílias se

relacionando de forma que contemplassem todos os membros de maneira igualitária na distribuição de seus papéis... Com certeza terei um monte de outras coisas interessantes para te falar. Um beijo e até breve.¹

I. 1. GÊNERO: QUE BICHO É ESSE?

Esta pergunta tem vindo muitas vezes à cabeça de muitos companheiros e companheiras. Por que agora se fala em relações de gênero e não mais em “questões das mulheres”?

Gênero é um conceito

Primeiro, fugindo um pouco do assunto, um exemplo para clarear o que é um conceito. Por muitos anos se falou em pequena produção. Achava-se que esse termo era adequado para

¹ Ao longo deste trabalho, sempre em formato como o desse trecho, diferente do restante do texto, são reproduzidos alguns depoimentos. São trechos de entrevistas realizadas em fevereiro/95; da transcrição da discussão realizada no seminário da CEMTR - Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Paraná - sobre “relações sociais de gênero na agricultura familiar” (julho/94); das cartas escritas pelos participantes dos dois seminários regionais da pesquisa como instrumento de avaliação dos seminários (agosto/95).

expressar o que se queria dizer. “Pequena produção” carregava um conjunto de significados, exprimindo o que se entendia como sendo a realidade desses agricultores. Mas se foi aprofundando a compreensão desta realidade, que também foi se modificando. O “pequena” da “pequena produção” começou a incomodar... Não se pretende aqui reconstruir esse debate.

O fato é que um outro termo vem tomando o lugar da “pequena produção”. Tem se passado a falar em “agricultura familiar”, e um novo conceito vem sendo incorporado. Pode-se dizer, então, que conceito é um instrumento que serve para explicar.

Gênero é um conceito. É um conceito que serve para explicar as relações entre homens e mulheres.

É a natureza que determina as desigualdades?

O papai esteve fora estes dois dias participando daquele seminário do leite que eu tinha lhe falado. Hoje já estarei

indo prá casa. Neste seminário pude comprovar, mais uma vez, que a mamãe trabalha bastante em casa, e que nem sempre nós reconhecemos de verdade este trabalho... e não é pouca coisa... Por isso temos que procurar ajudá-la cada vez mais ...

Por muitos anos se acreditou que eram as diferenças biológicas que explicavam as desigualdades entre homens e mulheres.

O conceito de gênero expressa um outro entendimento: as diferenças são socialmente construídas. Isso significa que homens e mulheres são “moldados” pela sociedade, o ser homem e o ser mulher correspondem a papéis sociais estabelecidos: masculino e feminino.

E, se são papéis sociais construídos historicamente e não determinados pela natureza, podem ser modificados.

Gênero é um conceito relacional: vê um em relação ao outro. Isto significa que os papéis

sociais masculino e feminino não existem isolados, um é construído na relação com o outro.

O conceito “gênero” considera, ainda, que na sociedade atual as relações entre homens e mulheres não são de igualdade: são relações de hierarquia e de poder dos homens sobre as mulheres (FARIA, 1995).

Querido... Vim para o seminário “relações sociais de gênero na agricultura familiar” imaginando que apenas seria relatado o resultado da pesquisa com alguns comentários. Bom, me surpreendi, pois a discussão de cada item foi rica e muito participativa. Perceber que não são só as mulheres que estão participando da discussão de gênero na produção do leite e no contexto geral da vida familiar foi muito lucrativo. Este foi um seminário onde eu aprendi, partilhei e pude contribuir um pouco também.

Gênero: é questão das mulheres?

Não, porque as relações de gênero perpassam o conjunto das relações sociais. Os mundos do trabalho, da política, da cultura se dão também conforme a inserção de homens e mulheres, a partir de seus papéis masculinos e femininos. Isso significa que as relações de gênero perpassam todas as realidades e todas as questões.

Não se pode, por exemplo, entender o que é a agricultura familiar sem perceber as relações de gênero em seu interior. E isso é muito concreto: há uma divisão sexual do trabalho, disso todo mundo sabe. Como, então, querer entender a produção sem enxergar, em primeiro lugar, que é realizada por gente, e que essa gente é composta por homens e mulheres, de diferentes idades, e, ainda, que essas pessoas, de diferentes sexos e idades, têm diferentes formas de perceber a vida, anseios diferentes?

Da mesma forma, não será possível construir o Projeto Alternativo de Desenvolvimento, ou superar os problemas da dinâmica sindical, ou construir a organização de base sem levar em conta que há agricultores e agricultoras, homens e mulheres, e que existem conflitos nessa relação.

Trabalhar na perspectiva da equidade de gênero não se restringe, dessa forma, à organização das mulheres, embora as mulheres organizadas tenham aí um papel fundamental.

Trabalhar na perspectiva de gênero significa olhar com novos olhos. Olhos que ao focar as coisas passam a enxergar as pessoas, homens e mulheres, que fazem a história de uma sociedade. E, nessa nova visão, passam a procurar como superar as desigualdades, dentre elas a desigualdade entre mulheres e homens.

Quando saí de casa para este encontro os deixei doentes. Saí preocupada com a saúde de vocês, mas olha, meus filhos, valeu a pena ter vindo. Porque eu sou

coordenadora da comissão municipal de mulheres e achei que as mulheres estavam assumindo mais o seu papel dentro e fora da propriedade, mas não é bem assim. A pesquisa mostrou isso. Foram dados importantes que temos que avaliar na comissão municipal e regional. Nosso trabalho aqui foi de uma forma que todas participaram, em forma de teatro, que revelou, em grupos, com brincadeiras etc, como são nossas famílias. Os assessores também foram dinâmicos, deixando todos falar, e foi apresentado um vídeo... estou escrevendo para vocês da importância de toda a família participar...

I. 2. A AGRICULTUR FAMILIAR NO SUL DO BRASIL

“... se ele está na roça, eu puxo o pasto, faço a forragem, dou no cocho e vou tirando o leite, e se ele está em casa é a

mesma coisa, não tem espera um pelo outro, aquele que está em casa vai fazendo...”

No Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), os agricultores familiares, ocupando apenas 20% das áreas agricultáveis, somam em torno de quatro milhões de pessoas, representando 83% da população ocupada na agricultura (IBGE, 1991). São, em grande parte, descendentes de imigrantes: italianos, alemães, poloneses, ucranianos. São os colonos.

Esta agricultura familiar responde pela produção de 70% do algodão, 80% do feijão, 92% do fumo, 70% do milho, 90% da uva, 87% do bicho-da-seda, 72% do leite e 85% dos suínos da região Sul, além de importante participação na produção de soja e trigo (IBGE, 1985). É, então, um setor que, a partir do processo modernizador promovido desde o final dos anos 60, alcançou expressiva participação no mercado de produtos agrícolas.

O leite é um dos produtos de presença mais generalizada nessa agricultura familiar: de acordo com o Censo Agropecuário de 1985, a região Sul possuía, aproximadamente, 700 mil estabelecimentos agrícolas que produziam leite (IBGE, 1985). Esta presença generalizada da produção leiteira está associada à história da colonização dessas regiões por descendentes de imigrantes europeus e à importância atribuída ao leite na produção para subsistência desses agricultores.

“... uma coisa importante da gente pensar na produção do leite é a questão alimentar, que envolve todo o trabalho da mulher... é o docinho de leite... coalhada, schmier... esses tipos de coisa de alimentação, o queijo... aquilo que representa dentro da família, mesmo que você não venda... minha mãe nunca vendia leite, mas toda a vida tinha, por exemplo, duas, três famílias que pegavam leite lá em casa... que não pagavam, nunca pagaram nada...”

O processo de modernização dessa agricultura transforma também a produção de leite: nos três estados do Sul atingem hoje a cifra de 140 mil os produtores que mantêm relação de integração com a agroindústria leiteira².

“... antes só era leite prá tomar, a gente tomava muito leite, essa era uma coisa que nunca faltava lá em casa, a gente sempre tinha leite à vontade prá tomar, depois a gente começou a vender o leite. Ao redor, não a minha família, mas muita gente parou de tomar leite, não totalmente, mas tomava menos leite, prá poder vender. A própria propaganda que dizia isso, que o melhor negócio era vender o leite em vez de tomar. O pessoal começava a tomar café, deixava de tomar leite, deixava de dar o leite prá crianças...

² Estes 140 mil representam 44% do total nacional dos produtores integrados à agroindústria leiteira (BELEM, 1995).

³ Depoimento de G. H., 35 anos, agricultora do município de Santo Cristo, Noroeste do Rio Grande do Sul. Trecho de entrevista realizada em fevereiro de 1994, por ocasião da coleta de dados para a pesquisa *Agricultura familiar em mudança: percepções e projetos - o caso da região de Santa Rosa, Noroeste do Rio Grande do Sul* (MENASCHE, 1996).

*porque dava um dinheirinho... porque antes se produzia tudo e só se comia aquilo que tu produzia, depois não, a gente tinha que começar a comprar essas coisinhas de mercado...”*³

I. 3. LEITE É COISA DE MULHER!

“... eu nunca que iria deixar de lidar com vaca, porque é uma fartura... nós engordamos o boizinho, aí carneamos, põe no freezer, aí não precisa estar carneando tanta galinha... tenho o leite, então faço sempre queijo pro gasto, e quando as pessoas pedem... eu não tiro a nata... e a gente faz o doce de leite, doce de leite eu vendo na associação... e a gente faz o pé-de-moleque, eu coloco leite quando amasso o pão... a manteiga... tem tudo,

né, então é uma fartura dentro de casa... meu filho mora na cidade, daí ele leva leite... se tem criança pobre assim... a gente dá... o pessoal da vila vem comprar..."

"... o meu pai, cada uma das meninas que se casava... ganhava uma novilha... era uma tradição de ganhar..."

Diferente do que se observa em outras regiões do País, no Sul "leite é coisa de mulher". Entre esses agricultores familiares descendentes de imigrantes a vaca faz parte do dote da filha que se casa, e até há pouco tempo os meninos sequer aprendiam a tirar leite.

O lidar com leite é conhecimento passado de mãe para filha, o que pode ser entendido pelo papel ocupado pelo leite no consumo da família agricultora. Cozinhar, alimentar, limpar, lavar, passar, costurar, curar, gerar, criar e educar são verbos conjugados no feminino também no meio rural.

Essa agricultura, familiar, é caracterizada por uma especificidade: a unidade de produção é também unidade de consumo. Essa característica da agricultura familiar determina o comportamento camponês: sua atividade econômica é baseada em dois princípios diferentes, sendo os padrões de produção determinados, então, não apenas por considerações a respeito de lucro, mas também pelas necessidades da família. Dessa forma, as decisões no interior da agricultura familiar são movidas por duas lógicas, diferentes e complementares: uma voltada para o mercado, outra para o atendimento das necessidades da família. Há um entrelaçamento das dimensões da produção e da reprodução.

Além do trabalho usualmente considerado como trabalho doméstico, são atividades "próprias" das mulheres o cuidar das galinhas e outras pequenas criações, a horta, as ervas medicinais, o lidar com leite... as "miudezas", como elas mesmas dizem. Além de todas essas

tarefas, as agricultoras trabalham junto com os maridos na roça, de onde saem os produtos para venda. Mesmo assim, entre esses agricultores costuma-se dizer que na roça as mulheres apenas “ajudam”.

De modo geral, pode-se entender tal ordem das coisas a partir das imagens construídas dos papéis de homens e mulheres na sociedade. Seriam, assim, “próprias” do homem as atividades (e decisões) referentes ao espaço público, no caso tudo o que está relacionado ao exterior da propriedade: mercado e relação com dinheiro, relação com assistência técnica e capacitação profissional, formas de associação e representação, responsabilidade jurídica pela propriedade da terra... enfim, seria do homem o mundo da produção, entendida aqui como envolvendo as atividades voltadas para o mercado, geradoras de renda monetária, aquelas normalmente tidas como sendo “as que de fato importam”. Da mesma forma, seriam consideradas como “próprias” da mulher as

atividades referentes ao espaço privado, que envolvem toda a gama de responsabilidades relacionadas à reprodução da família.

Verifica-se, como consequência da presença difusa desses estereótipos, a dupla desvalorização do trabalho da mulher: seu trabalho nas atividades relacionadas à produção é considerado como sendo menor, ela apenas “ajuda”, mesmo quando seu tempo de trabalho nas atividades relacionadas à produção não é menor que o realizado pelo homem. Por outro lado, as atividades relacionadas à reprodução não são valorizadas: o que conta é o que dá dinheiro.

II

A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Olá, amiga! Tudo bem? Eu participei de um seminário de leite em Beltrão, dias 10 e 11, na ASSESSOAR. Aí estavam todas as coordenadoras, tinha a Renata, o João e a Sirley de Curitiba, gente do Rio Grande do Sul, de São Paulo e vários outros municípios. No primeiro dia pela parte da manhã houve apresentação do pessoal... falaram como é a família... onde o serviço sobrecarrega a mulher, onde o pai é mais acomodado. Tudo isso foi apresentado através do teatro, onde todos participaram. À noite assistimos vídeo. No outro dia tivemos mais explicação sobre os dados da família, como é dividido o trabalho na família. Também foi apresentado por um grupo como gostaríamos que fosse a família nos dias de hoje, com um bom diálogo, as tarefas

bem divididas, os trabalhos na roça etc... e muito mais coisas que a hora que a gente se encontrar a gente se fala... eu adorei o encontro e gostaria de participar mais.

II. 1. PERFIL E OBJETIVOS DA PESQUISA

Te escrevo prá contar que participei de um seminário em Beltrão. Foi ótimo, o pessoal que estava lá era amigo, a gente aprendeu tanta coisa importante sobre a organização de nós pequenos agricultores, principalmente sobre o leite. Não vejo a hora de ir aí na sua casa para contar tudo que eu aprendi. Vou te falar mais pessoalmente, para poder te informar sobre os direitos que as mulheres têm, o valor das notas e blocos, isso sem dizer que a gente trabalha muito e nem percebe...

A questão das relações sociais de gênero na agricultura familiar tem sido, já há algum tempo, tema de trabalho e reflexão da Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais (CEMTR) do DETR/CUT do Paraná. Isso porque a luta pelo reconhecimento da profissão das mulheres agricultoras continua na ordem do dia. E é neste sentido que se faz necessária a afirmação de seu papel na produção, e não apenas nas atividades reprodutivas da agricultura familiar.

No projeto de trabalho que o Deser apresentou à CERIS/CEBEMO, “Em Defesa da Agricultura Familiar”, este foi um dos temas escolhidos para ser trabalhado.

A idéia foi amadurecida em discussões entre Deser e CEMTR/PR de junho de 1994 a meados de 1995, quando foram promovidos pela CEMTR quatro seminários: no primeiro participaram as coordenadoras das comissões municipais de todo o estado; depois um seminário estadual

dirigido a lideranças sindicais e assessorias; e, ainda, dois seminários regionais, no Sudoeste e no Centro, onde, além de lideranças das comissões de mulheres, participaram também lideranças sindicais e de associações, além de técnicos e dirigentes de ONGs de cada uma das duas regiões. O Deser acompanhou todo esse processo.

Estes seminários tinham como tema as “Relações Sociais de Gênero na Agricultura Familiar”. A metodologia desenvolvida para trabalhar essa discussão foi a partir do enfoque das cadeias produtivas. Para cada atividade realizada na produção de leite, de milho, de fumo e de plantas medicinais procurou-se saber, dentre outras questões: quem faz? quem responde para fora da propriedade? quem decide?

Participei de um seminário sobre relações sociais de gênero, onde discutimos principalmente o que cada um faz

na propriedade em relação a decidir, a executar e a receber o dinheiro no resultado final das tarefas. Me passa pela cabeça agora a importância de discutirmos nas comunidades e grupos este assunto. E orientarmos as famílias sobre a importância da relação entre pais e filhos.

Construindo, na discussão, as rotinas de trabalho, vieram à tona pistas que apontavam as diferenças entre as atividades realizadas pelas mulheres e as realizadas pelos homens na produção, assim como as diferenças na participação de homens e mulheres na relação da família com os agentes externos à propriedade.

Papéis diferenciados, valorização desigual: relações de gênero. Era necessário aprofundar a compreensão dessa realidade. Daí a pesquisa.

Este trabalho tinha por objetivos desenvolver, em conjunto com as entidades regionais do Sudoeste e do Centro do Paraná, uma pesquisa em que:

- fosse caracterizada a rotina da produção de leite na agricultura familiar;

- fosse identificado o papel das mulheres agricultoras nessa produção, bem como no gerenciamento e comercialização dessa produção;

- fossem gerados subsídios para a elaboração de políticas de valorização do trabalho das mulheres na agricultura familiar.

Os principais argumentos que justificavam a proposição do produto leite para a realização deste trabalho eram os seguintes:

- talvez seja neste produto onde fica mais clara e contraditória a negação da sociedade em atribuir a essas mulheres o papel de produtoras: são elas que realizam a maior parte das tarefas, mas, na maioria das vezes, não são elas as beneficiárias da assistência técnica, não são elas as sócias das cooperativas que compram o produto, não são elas que recebem o pagamento pela produção, e tampouco são elas as que

participam das assembleias e comissões sindicais de produtores de leite;

- dos produtos produzidos pela pequena propriedade dos três estados do Sul do País, o leite é, provavelmente, o que está presente em um maior número de estabelecimentos, sendo que essa agricultura familiar é responsável por mais que 70% de toda a produção do Sul.

II. 2. ONDE FOI DESENVOLVIDO O TRABALHO? E QUEM COORDENOU?

É com grande alegria que estou escrevendo para você contando que participei do seminário do leite. Foi uma maravilha os dados que deram sobre a pesquisa... envolveu não só a questão do leite mas toda a família no trabalho.

Definidos o perfil e os objetivos da pesquisa, era fundamental decidir em que regiões do estado seria realizada e quem coordenaria o trabalho. Nesse sentido, a CEMTR definiu as

regiões Sudoeste e Centro do Paraná, tanto pela importância da produção leiteira entre os agricultores familiares, como pelo trabalho desenvolvido pela própria comissão.

São duas regiões que apresentam diferenciações em relação a esses dois aspectos, mas que, ao mesmo tempo, são representativas em termos da agricultura familiar na região Sul do País. As diferentes situações encontradas nessas micro-regiões do Paraná também são verificadas, em maior ou menor grau, em diversas outras regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Além disso, deve-se destacar que existem algumas pré-condições que favoreceram a realização dessa pesquisa nessas regiões: na região Sudoeste, a existência de diagnósticos sobre os sistemas de produção agrícola e também sobre a produção de leite; na região Centro, o trabalho de assessoria à produção de leite desenvolvido pela RURECO; e, principalmente, a existência de comissões municipais e regionais de mulheres trabalhadoras rurais estruturadas nas duas regiões.

Quanto à coordenação estadual da pesquisa, ficou definido que ficaria sob a responsabilidade de uma representante da CEMTR de cada região e dos dois técnicos do Deser responsáveis por realizar esse trabalho. Definidas as regiões e a coordenação estadual, foram constituídas as coordenações regionais da pesquisa. Essas coordenações tinham por objetivos articular as entidades envolvidas, selecionar os municípios onde seria desenvolvido o trabalho, apresentar sugestões para a elaboração do formulário para levantamento de dados, organizar as atividades relativas à pesquisa de campo, preparar os seminários regionais e colaborar na organização dos seminários municipais, discutir o cronograma de trabalho e a forma de contribuição financeira das entidades para a execução das atividades.

Na região Sudoeste, as entidades participantes da coordenação regional foram: Comissão Regional e Comissões Municipais de Mulheres Trabalhadoras Rurais, Micro Região

Sindical, Central Regional de Associações de Pequenos Agricultores (CRAPA) e Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESSOAR). Por sua vez, as Comissões Municipais de Mulheres Trabalhadoras Rurais, a Coordenação dos Rurais da CUT regional e a Fundação RURECO integraram a coordenação da pesquisa na região Centro.

O trabalho seria desenvolvido em sete municípios, sendo entrevistadas dez famílias em cada um deles. No Sudoeste, foram selecionados quatro municípios: Francisco Beltrão, Nova Prata do Iguaçu, Santa Izabel do Oeste e Pranchita. No Centro, foram selecionados os municípios de Pitanga, Turvo e Laranjeiras do Sul. O principal critério utilizado para essa seleção foi que as entidades de cada município assumissem a preparação e realização das atividades da pesquisa.

As entidades de cada município selecionaram as famílias que seriam entrevistadas,

buscando contemplar as diferentes comunidades do município e a diversidade de situações tanto em relação às características sociais (condição de vida, origem étnica) como em relação à produção de leite (famílias que produzem muito, que produzem pouco, que produzem apenas para o consumo familiar; que vendem leite fluido para a cooperativa, o laticínio ou o consumidor direto; que vendem queijo etc).

II. 3. OS FORMULÁRIOS

Já com saudades de casa, eu resolvi te escrever para dizer que foi muito maravilhoso participar deste encontro. Lembra quando eu saí de casa com medo porque era a primeira vez que estava participando aqui em Beltrão? Pois é, me enganei. É um pessoal muito bom de trabalhar junto. Olha, não me arrependi. E quando me convidarem eu virei

novamente, já que você me incentiva tanto e fica com os filhos em casa... você sabe que é para o nosso bem e para que os nossos filhos tenham um futuro melhor. Vou terminar porque vou pegar o ônibus e ir te ver, meu amor.

Paralelamente a essas definições, iniciou-se a discussão e elaboração do instrumento de pesquisa a ser utilizado para o levantamento de informações a campo. A partir de reuniões realizadas pela coordenação estadual e coordenações regionais da pesquisa, definiu-se o perfil do formulário, que seria elaborado pelo Deser. O formulário foi dividido em três blocos básicos:

Bloco A: esta parte tinha por objetivo levantar informações gerais a respeito da unidade de produção familiar:

- grupo familiar (composição da família, idade, grau de escolaridade, ocupações, tempo dedicado à propriedade, filiação a entidades de representação e organização da produção);

- unidade de produção (situação em relação à posse da terra, tamanho da área, participação em sistema comunitário de uso da terra, localização das áreas de uso agrícola em relação à moradia, criação de animais, utilização das terras, principais atividades geradoras de renda, benfeitorias e equipamentos existentes, utilização de insumos, equipamentos, crédito agrícola e força de trabalho assalariada);

- composição do rebanho leiteiro (número atual de cabeças do rebanho, tipo de gado, número de animais abatidos e finalidade, número e causa da mortalidade de animais);

- produção de leite (produção média diária no verão e no inverno, formas de utilização doméstica do leite, quantidade vendida de leite, quantidade de leite transformada em derivados, alimentação do rebanho, práticas de manejo adotadas, condições da estrebaria);

- comercialização de leite (volume de comercialização de leite no verão e no inverno,

tipo do comprador, papel desempenhado pelos membros da família na entrega do leite ao consumidor, nas negociações do preço, no recebimento do dinheiro, no transporte do tarro até a estrada, nas combinações com o freteiro, em nome de quem sai a nota do leite).

Todas as questões levantadas nesse bloco foram respondidas, preferencialmente, de forma conjunta pelos vários integrantes das 69 famílias entrevistadas. Procurou-se entrevistar a mulher, o marido, filhas e filhos jovens da família, de modo a complementar as informações fornecidas pelos vários membros da família.

Essa estratégia se mostrou interessante por permitir perceber os espaços de domínio de algumas informações. O conjunto das questões era dirigido a todos os entrevistados, mas, em geral, as respostas eram dadas predominantemente pelo homem. Certas questões, entretanto, particularmente aquelas em que a mulher se responsabiliza diretamente pelo

desenvolvimento e controle da atividade, eram respondidas por ela, geralmente a partir da “deixa” do marido (nos momentos em que eram solicitados dados sobre a produção de leite, por exemplo, isso ocorria com frequência).

Bloco B: a segunda parte do formulário estava voltada para caracterizar o trabalho na produção leiteira:

- identificação do entrevistado (nome, grau de parentesco em relação à mulher, tempo de moradia no local, sexo, estado civil, local de nascimento, origem étnica);

- rotina diária do entrevistado (descrição das principais atividades - não apenas as relacionadas à produção - realizadas cotidianamente), tanto nos períodos de pique de serviço como nos momentos de “normalidade”;

- tarefas cotidianas no trabalho na produção de leite (frequência, tempo gasto, principal responsável pela execução da tarefa, provável substituto);

- tarefas não cotidianas no trabalho na produção de leite (frequência, tempo gasto, principal responsável pela execução da tarefa, membro da família que auxilia na execução da tarefa, provável substituto);

- aplicação dos recursos obtidos a partir da venda do leite e derivados e controle contábil.

Este bloco de perguntas foi respondido, separadamente, por mulheres, homens e jovens das famílias entrevistadas. Sendo assim, cada um deles não sabia o que o outro estava respondendo naquele momento. Aqui se buscava entender como cada membro da família se percebe diante das atividades produtivas e como percebe as atividades desenvolvidas pelos demais integrantes da família. Este bloco de questões foi respondido por 169 pessoas.

Cabe destacar que cada família foi entrevistada, na maioria das vezes, por uma dupla de entrevistadores (sempre que possível, composta por uma mulher e um homem). Essa forma de

composição da equipe de campo mostrou-se bastante acertada, pois a separação das pessoas evitava a interferência nas respostas de um entrevistado por outro. Cada dupla entrevistava, em média, três famílias por dia.

Ao final desse bloco, foi anexada uma folha para informações complementares, dirigidas exclusivamente aos jovens entrevistados. Pretendia-se saber se participa ou já participou de algum grupo (sindicato, pastoral, associação etc), se exerce alguma função de representação (sendo positiva a resposta, qual função), se possui terra própria (sendo positiva a resposta, qual o tamanho da área, se pratica alguma alternativa de produção, de que tipo, e sendo negativa a resposta, qual a principal atividade que realiza nas terras dos pais) e, ainda, quais suas perspectivas para o futuro.

Bloco C: esta parte final era dirigida apenas às mulheres, tendo a finalidade de levantar informações complementares a respeito:

- do beneficiamento do leite para produção de derivados (quantidade produzida, frequência, tempo gasto, responsável pela produção, membros da família que auxiliam na execução da tarefa e provável substituto);

- da comercialização de derivados de leite (volume médio de produção comercializada, tipo de comprador, papel desempenhado pelos diversos membros da família na entrega do produto, na negociação do preço e no recebimento do dinheiro);

- da assistência e capacitação técnica e do crédito rural (se recebe com regularidade serviços de assistência técnica específica para a produção de leite, que órgão presta esse serviço, participação de membros da família em palestras, cursos e dias de campo sobre a produção de leite, utilização e finalidade de crédito, fonte de financiamento utilizada);

- da participação dos membros da família em reuniões para discutir os problemas rela-

tivos à produção de leite na comunidade, no município e na região; entidades que promoveram lutas e manifestações referentes ao leite, abrangência da luta, principais reivindicações, principais problemas na produção de leite (dentro e fora da propriedade);

- da documentação das mulheres; participação em diretoria de entidade; conta bancária; atividades exercidas na lavoura; atividades preferidas do trabalho na lavoura e nas criações; frequência da participação do marido nas atividades relacionadas ao trabalho doméstico; formas de diversão e lazer; principais problemas enfrentados atualmente pela mulher e ações urgentes para melhorar a vida da família.

Foi elaborada, ainda, uma pequena folha anexa, respondida pelos entrevistadores logo após o término de cada entrevista, onde estes avaliavam a realização da conversa: eventuais problemas ou interferências verificados no decorrer da entrevista, receptividade da família etc.

Pessoal de casa, nós vivemos em uma situação, e nunca paramos para pensar quem somos em casa. Neste seminário eu vi ou senti vocês o tempo todo através do trabalho e da relação em casa. Queria que vocês também se espelhassem, como eu fiz (...) a questão de gênero pode ser trabalhada em várias áreas. Foi muito interessante.

Deve-se alertar que a coordenação da pesquisa não teve a intenção de elaborar um formulário direcionado para o levantamento de dados que permitisse um diagnóstico mais profundo a respeito da produção de leite nas duas regiões. Tampouco se constituía como preocupação central deste trabalho um levantamento pormenorizado dos sistemas de produção agrícola encontrados entre os agricultores familiares entrevistados. Na verdade, os dados referentes aos sistemas de produção solicitados no formulário de campo buscavam fornecer um

quadro referencial básico, apontando as características essenciais verificadas nas famílias entrevistadas.

Nesse sentido, coerentemente com os objetivos da pesquisa, o conteúdo principal do formulário estava voltado, fundamentalmente, para a definição da rotina de trabalho da família na produção de leite e para a identificação do papel desempenhado pelas mulheres trabalhadoras rurais no processo de produção, gerenciamento e comercialização dessa produção.

II. 4. A APLICAÇÃO DOS FORMULÁRIOS

Queridos marido e filhos, estou há dias fora de casa, com muitas saudades. Mas também estou muito feliz porque estou participando de um seminário onde consegui compreender uma porção de coisas, das quais gostaria de destacar algumas. Em primeiro lugar, gostaria de dizer que estão aqui neste encontro homens,

mulheres, rapazes, moças, meninos e meninas de vários locais do Paraná, inclusive uma do Rio Grande do Sul e uma de São Paulo, técnicos e agricultores. Estas pessoas tiveram a responsabilidade de analisar os dados de uma pesquisa sobre o trabalho na produção de leite. Foi interessante porque conseguimos analisar os dados de uma forma dinâmica, participativa e clara. Conseguimos destacar a importância do trabalho de cada membro da família tanto dentro de casa como nas atividades fora de casa. Com isso levantamos os problemas e, o que é mais importante, definimos muitas propostas. O restante conversamos pessoalmente... Beijinhos, de quem os ama.

Pronto o formulário para levantamento dos dados, em maio foram realizadas duas reuniões, uma em cada região, com o objetivo de apresentar o formulário aos pesquisadores de campo

e esclarecer as dúvidas quanto à sua aplicação, padronizando-se, ao máximo, os procedimentos para seu preenchimento.

Os entrevistadores eram dirigentes e lideranças das comissões municipais e regionais de mulheres trabalhadoras rurais, de sindicatos e de associações, assessores do movimento sindical, técnicos das associações, da RURECO e de órgãos públicos estaduais e municipais.

Ainda durante o mês de maio foi realizado o levantamento de campo. Inicialmente, o formulário foi testado no município de Francisco Beltrão. Em seguida, foi realizado o levantamento nos demais municípios do Sudoeste (Pranchita, Nova Prata do Iguaçu e Santa Izabel do Oeste), contando-se com a participação de 18 entrevistadores⁴ (total dos três municípios). As pessoas que se integraram à equipe de pesquisa para a realização do levantamento

de informações receberam um rápido treinamento nos municípios. Nos três municípios da região Centro contou-se com a participação de 11 pesquisadores.

Objetivava-se entrevistar 70 famílias ao todo (dez por município). Apenas uma das famílias selecionadas previamente pela comissão municipal de Pitanga não pôde ser entrevistada, totalizando, então, 69 famílias.

II. 5. OS SEMINÁRIOS REGIONAIS E MUNICIPAIS

Gostaria que você também começasse a participar junto comigo. Neste seminário foi discutido sobre a produção de leite e a participação da mulher. Olha, amiga, realmente nós temos que assumir mais as lutas. Era para vir um sindicalista e uma coordenadora do trabalho de mulheres

⁴ Os dois técnicos do Deser que participaram do levantamento de campo estão sendo computados nesse total, bem como no total dos entrevistadores da região Centro.

agricultoras, mas só veio eu. Senti que para mim foi ótimo ter vindo, agora eu sei muita coisa boa. Bom, tudo o que foi feito foi ótimo. Venha em casa que eu te conto tudo, ou então venha no seminário municipal.

O conjunto dos dados obtidos a campo foram sistematizados pelo Deser e analisados preliminarmente pela coordenação estadual da pesquisa, de maneira que se pudesse elaborar um material básico para orientar as discussões a serem realizadas nos seminários regionais e municipais. Estes seminários tinham por objetivo principal devolver e discutir os resultados obtidos na fase anterior do trabalho.

No mês de agosto foram realizados os dois seminários regionais, com duração de dois dias cada. Destes encontros participaram os entrevistadores e representantes das entidades promotoras da pesquisa em cada região.

No Sudoeste, participaram 38 pessoas (27 mulheres e 11 homens) de 13 municípios da

região. Além das entidades da região, participaram, como convidados, os Departamentos Estaduais de Trabalhadores Rurais (DETRs) da CUT do Paraná e do Rio Grande do Sul (Coletivo de Mulheres), a CUT do Paraná, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Paraná (FETAEP) e a SOF - Sempre Viva Organização Feminista, de São Paulo.

No Seminário realizado na região Centro participaram 19 pessoas (dez mulheres e nove homens) de cinco municípios da região e, como entidades convidadas, contou-se com a presença do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de União da Vitória (região Sul do Paraná) e do DETR da CUT-Paraná.

Entre fins de agosto e meados de setembro de 1995, foram realizados os sete seminários municipais. Estes encontros, com duração de um dia, destinavam-se à apresentação e discussão dos resultados parciais da pesquisa com as famílias entrevistadas. Participaram

também representantes de organizações e instituições locais (prefeituras, cooperativas e EMATER), bem como das entidades promotoras da pesquisa (comissões de mulheres, sindicatos, associações e ONGs).

Participaram dos seminários municipais um total de 160 pessoas (92 mulheres e 68 homens), sendo que destas 73 foram entrevistadas, correspondendo a 45% do total de participantes dos seminários municipais. Em relação ao número de famílias, verificou-se uma presença de 64% das famílias entrevistadas, uma vez que 44 das 69 famílias entrevistadas participaram com pelo menos um representante nas discussões realizadas nos seminários municipais.

Olá, amiga. Vou contar como foi importante minha ida para o Paraná no seminário de socialização dos resultados da pesquisa sobre como acontece a relação de gênero na produção de leite. Para chegar lá foi mais fácil do que

pensava, o pessoal me ajudou, e já na rodoviária me encontrei com mais gente que ia para o seminário. Quantas coisas descobrimos juntos, analisando os dados da pesquisa! O que é mais engraçado é que a gente vive no dia-a-dia, mas só com a reflexão é que nos damos conta... Os dados da pesquisa apontaram pistas para pensar um trabalho mais sistemático. O bom é que nem vi o tempo passar, e mesmo conhecendo poucas pessoas, logo me enturmei, como se já nos conhecêssemos há muito tempo. Vou aproveitar muitas coisas e idéias para trabalhar no meu estado.

II. 6. A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Estou escrevendo para contar que, apesar de estar longe de você, foi por um motivo que valeu a pena. Participei de

um curso, “relações de gênero na agricultura familiar”. O tema é a realidade, pois antes do curso foi realizada uma pesquisa... Só tenho para dizer que foi ótimo. Saudades.

A pesquisa foi concebida de forma que seus resultados pudessem subsidiar não só a elaboração de políticas de valorização do trabalho das mulheres na agricultura familiar, mas também as ações políticas desenvolvidas pelas organizações de mulheres trabalhadoras rurais e pelo sindicalismo rural dos três estados da região Sul, assim como contribuir com esse debate a nível nacional.

Buscou-se construir um processo metodológico que contasse com a participação direta da CEMTR e das lideranças das duas regiões na condução e execução dos trabalhos de pesquisa.

O envolvimento dessas lideranças, bem como das famílias de agricultores entrevistadas, constituiu-se num elemento fundamental para

o sucesso da pesquisa. Grande parte dos méritos desse trabalho devem ser atribuídos à dedicação e ao empenho coletivo da CEMTR, da comissão regional do Sudoeste, da Coordenação dos Rurais da região Centro e das comissões municipais das duas regiões no sentido de garantir uma efetiva participação dos segmentos interessados na realização desta pesquisa.

Além disso, deve-se ressaltar que a forma como foi idealizada a realização do trabalho não tomava os entrevistados como meros fornecedores de informações. A idéia central do trabalho apontava para a construção conjunta, por dirigentes, assessores, pesquisadores e famílias de agricultores entrevistadas, de uma metodologia que associasse pesquisa e formação como partes integrantes de um processo único, onde uma dimensão não está separada da outra.

A pesquisa foi marcada, num primeiro momento, pelo levantamento dos dados que serviriam de base para a elaboração de um

quadro referencial sobre as relações sociais de gênero na agricultura familiar. Era necessário o aprofundamento da discussão a partir dos dados levantados, o que se daria nos seminários regionais e municipais, que visavam proporcionar novos espaços para reflexão e participação coletivas dos diferentes atores sociais interessados no aprofundamento da temática.

Nesse sentido, os dados preliminares apresentados nos seminários e as discussões que emergiram a partir de sua apresentação contribuíram para que os participantes aprofundassem o entendimento a respeito do significado das relações sociais de gênero na agricultura familiar. Em muitos casos, foram dados depoimentos pessoais, particularmente feitos por homens que participaram dos seminários municipais, que demonstraram o quanto as discussões ali realizadas fizeram com que questionassem seu modo de pensar e de agir sobre a forma como se desenrolam tais relações no âmbito da unidade de produção familiar.

Oi, filhos. O seminário que estou participando está muito interessante. Aprofundei os conhecimentos de uma relação entre a família. Senti o quanto eu estava errado no modo de valorizar a mulher... precisamos mudar o nosso modo de agir.

Mais que os números sobre a significativa participação de mulheres, homens e jovens nos seminários (apontados no item anterior), o que importa fundamentalmente está ligado ao seu efetivo resultado para as entidades promotoras desse trabalho.

Nesse sentido, deve-se destacar que os seminários regionais e municipais constituíram-se em espaços de debate de extrema importância e com reflexos em diferentes esferas: ampliaram o grau de questionamento dos participantes a respeito da necessidade de valorizar o trabalho realizado pelas mulheres; impulsionaram a participação de diversas pessoas na vida sindical; contribuíram para

revitalizar essas entidades; serviram para que a equipe técnica da pesquisa obtivesse informações qualitativas, que aprofundaram o conhecimento sobre as relações sociais de gênero na agricultura familiar - objeto deste trabalho.

É possível, ainda, afirmar, devido às propostas aprovadas nos seminários, mas fundamentalmente dada a riqueza das discussões realizadas, que o conjunto das entidades e organizações envolvidas no trabalho tenha chegado ao seu final com um grande saldo positivo: a incorporação da perspectiva de equidade de gênero nas diversas dimensões em que atuam já não é apenas necessária, mas um pouco mais concreta.

Durante a realização desses seminários foram utilizadas diferentes técnicas de motivação e participação (teatro/sócio-drama, apresentação de vídeo, redação de cartas, brincadeiras, painéis para apresentação dos dados etc), dinamizando as discussões, quebrando o ritmo dos trabalhos e evitando a monotonia

dos encontros. O resultado obtido a partir da aplicação dessas técnicas foi bastante positivo, na medida em que os grupos se mantiveram ativos e participantes.

Outro elemento que também contribuiu para o sucesso dos seminários está ligado à novidade da forma como se trabalhou o tema. Poucos têm sido os espaços mistos de discussão das relações de gênero: quando se possibilita a participação de homens e mulheres nesses espaços, abre-se a oportunidade para uma reavaliação crítica do cotidiano do trabalho familiar e das relações sociais e para a discussão de novas formas de socialização.

Acredita-se que a proposta metodológica tenha cumprido plenamente os objetivos traçados, na medida em que os resultados (ainda que parciais) desse trabalho já foram apropriados pela CEMTR. Exemplo disso foi a realização na região Sudoeste de outros quatro seminários municipais para apresentação e discussão dos resultados da pesquisa (em

Capanema, Pérola do Oeste, Renascença e Verê), realizados pelas próprias lideranças regionais, sem assessoria.

Prezado amigo, paz e bem! Escrevo para te informar que participei de um seminário onde colocaram para nós o resultado de uma pesquisa sobre a mulher na produção de leite. A princípio, quando fui convidado, fiquei entusiasmado porque pensei que se tratava da produção, ou aumento de produtividade. Na realidade não era isso e sim dados concretos revelados pela pesquisa. Mas a participação foi importante porque no decorrer do seminário as informações e dados revelaram uma realidade que precisa ser trabalhada para que a situação se reverta para que nesse processo a família se envolva mais diretamente desde o planejamento até o processo final da produção do leite. Para isso foram usadas metodologias que deixaram

bastante claro como se dá esse processo... Eu diria que, apesar de não ser aquilo que eu imaginava, foi muito válida a minha participação. Espero que as pessoas que aqui estavam se conscientizem da importância de cada um nesse processo.

III

**UNIDADE DA PRODUÇÃO
FAMILIAR**

Esta parte do trabalho tem por objetivo apresentar as principais características das unidades de produção familiar que serviram de base para a realização desta pesquisa, lembrando, mais uma vez, que não se pretendeu realizar um diagnóstico dos sistemas de produção predominantes, mas, antes de mais nada, pontuar características importantes que marcam não só as famílias entrevistadas como também as propriedades, o rebanho leiteiro, a produção e comercialização de leite e derivados.

III. 1. A FAMÍLIA

“Nos finais de semana é a família inteira. Em época de aula, de manhã cedo às vezes as crianças tiram só de uma vaca, a gente fica com pena de acordar as crianças muito cedo, mas à tarde é

sagrado... o meu menino tem oito e a menina tem onze. Eles tiram leite desde os seis anos, quando aprenderam a tirar leite.”

Para montar um perfil das famílias entrevistadas foram levantadas informações que permitissem essa caracterização global: a composição das famílias (número de membros, sexo e idade), grau de escolaridade, local de nascimento, tempo de moradia no local, origem étnica, ocupação principal de cada um dos integrantes da família e tempo dedicado à propriedade pelas diferentes pessoas.

Composição da família

Querido, como você sabe, estou aqui em Beltrão participando do seminário sobre relações sociais de gênero na produção de leite. Durante a apresentação dos dados, algumas coisas me chamaram a atenção como, por exemplo, o fato de que

o número de filhos das famílias hoje é bem menor que na geração anterior, os meninos valorizam mais o estudo do que as meninas e, mais que isso, percebemos que as atividades das mães e filhas e pais e filhos são praticamente as mesmas, ou seja, ficou comprovado que a divisão do trabalho se dá desde o início da nossa formação. Uma das metodologias utilizadas foi o teatro, objetivando representar o dia-a-dia nas famílias. Me chamou a atenção o fato de nenhum dos grupos mostrar a afetividade na família... isso me fez pensar que no meio urbano essa realidade é igual. Por que será que essas coisas nunca são expressadas? Bom, mas voltando ao principal: essa pesquisa foi muito interessante, as mulheres são realmente desvalorizadas, tanto no meio familiar quanto na sociedade. Sua dupla jornada de trabalho não é reconhecida, seus

direitos não são respeitados e até nas questões emocionais ela é o peso da balança... depois te conto mais.

Foram entrevistadas um total de 69 famílias. Em sua grande maioria (83%), são famílias nucleares simples, compostas por homem, mulher e filhos. Em 17% dos casos analisados foram identificadas famílias extensas, ou seja, integradas também por avós/ôs, tias/os, sogras/os, cunhadas/os ou outros parentes. A ampla maioria dos casais são casados legalmente, mas foram verificados três casais que “vivem junto”, sem ter “casado no papel” ou na Igreja, além de uma viúva.

Como se pode ver no Quadro 1, que mostra a distribuição por faixas etárias (apenas entre 20 e 59 anos) de mulheres e homens das famílias entrevistadas, as mulheres são, de um modo geral, um pouco mais novas que os homens: 45% delas possuem idade acima de 40 anos, enquanto que 67% dos homens situam-se nessa faixa etária.

Os dados referentes à composição familiar revelam uma tendência demográfica em curso: a queda do número de filhos na agricultura familiar. Apenas 5% das famílias entrevistadas apresentam mais que quatro filhos.

Apesar da maior parcela das famílias ainda se encontrar em idade reprodutiva, podendo ainda ocorrer aumento do número de filhos, chama a atenção o fato de que quase 80% das famílias possuem até três filhos.

A média entre as famílias entrevistadas é de 2,4 filhos por família, o que representa uma mudança significativa em curto espaço de tempo, uma vez que na geração imediatamente anterior o comum era encontrar famílias com oito, dez ou mais filhos.

As causas dessa tendência de redução do número de filhos devem ser buscadas na combinação de diversos fatores associados à modernização da agricultura, à crise econômica ou a mudanças nos valores e necessidades deste grupo social. Dentre estes fatores podem ser mencionados: a dificuldade, seja através da par-

tilha de propriedades, seja através da aquisição de novas terras, em garantir a reprodução dos jovens agricul-

tores; a redução da necessidade de força de trabalho nas propriedades; a difusão dos métodos anti-conceptivos, acompanhada de uma redução de influência direta da Igreja no planejamento familiar; e, ainda, a generalização, entre esses agricultores, do entendimento de que dar estudo aos filhos é

Quadro 1: Distribuição por faixas etárias (%)

Entrevistado	Faixa Etária			
	de 20 a 29	de 30 a 39	de 40 a 49	de 50 a 59
Mulheres	7	48	28	16
Homens	0	32	38	25

Fonte: Pesquisa de Campo/95

necessário para que se capacitem para buscar melhores condições de vida.

O conjunto das famílias entrevistadas possui um total de 168 filhos que residem nas propriedades, sendo que destes 71 são meninos/rapazes e 97 são meninas/moças. Concentram-se nas faixas de idade entre 13 e 19 anos (44% das filhas e 35% dos filhos) e entre 0 e 12 anos (41% das filhas e 47% dos filhos).

Em sete famílias foram mencionados filhos jovens (sete rapazes e uma moça) que não vivem na unidade de produção, sendo que nenhuma das 69 famílias possui mais que um filho que viva nessas condições.

Cabe, ainda, mencionar que apenas 9% dos 33 filhos entrevistados durante a pesquisa de campo são casados e residem na propriedade dos pais.

Naturalidade

A maioria das mulheres e dos homens adultos entrevistados nasceu em outro estado,

principalmente no Rio Grande do Sul, tendo migrado com seus pais para o Paraná quando ainda eram crianças ou jovens.

Apenas 16% das mulheres e 15% dos homens entrevistados nasceram no município onde residem atualmente. Este dado demonstra a intensidade do processo recente de migração rural que caracteriza estas regiões do Paraná, bem como indica a existência de fortes semelhanças técnicas e culturais em relação a outras regiões do Sul do País.

Mesmo quando se analisa o local de nascimento dos filhos, essa tendência migratória ainda fica evidenciada: cerca de 57% dos 33 filhos entrevistados pela pesquisa de campo nasceram em outro município do Paraná ou outro estado.

Tempo de moradia

Aproximadamente, 30% das mulheres e dos homens adultos entrevistados residem no atual

local de moradia há um período entre 6 e 10 anos. Se a este número forem somados os 18% de entrevistados adultos que moram há pelo menos 5 anos na comunidade, verifica-se que quase a metade das famílias analisadas deslocou-se recentemente para tais municípios.

Origem étnica

A maioria dos entrevistados é descendente de imigrantes de origem européia, especialmente italianos e alemães, registrando-se também alguns casos de descendentes de poloneses e ucranianos. Verifica-se entre os entrevistados, ainda, a presença (em torno de 10%) de “caboclos” e de “caboclos” miscigenados com descendentes de imigrantes europeus.

O predomínio dos descendentes de imigrantes europeus justifica-se, em primeiro lugar, em função de sua importância histórica na colonização paranaense, particularmente na região Sudoeste - foco inicial da migração gaúcha e

catarinense. Deve-se destacar também que no Sudoeste - onde o peso dos descendentes de “caboclos” é menor do que na região Centro - foi entrevistado um número maior de famílias de agricultores. Por fim, pode-se deduzir ainda que no trabalho sindical desenvolvido nos três municípios da região Centro prevalece um trabalho organizativo que envolve mais os descendentes de europeus que os “caboclos”.

“... a maioria é mulheres, do pessoal que veio do Sul, é as mulheres que lidam com vaca... agora do Norte, o pessoal que vem de lá prá cá, é os homens que lida com as vacas... e quando é prá comercialização os homens se interessam, quando dá dinheiro, agora se é só pro gasto... Prá comercialização, as crianças, todo mundo ajuda...”

Grau de escolaridade

No formulário era solicitado o grau de escolaridade dos membros da família. Verificou-

se que 88% das mulheres e 93% dos homens adultos não concluíram o 1º Grau, tendo grande parte cursado somente até a 4ª série.

Atualmente, devido às maiores facilidades de acesso à escola e à maior valorização atribuída à educação formal, há uma maior preocupação dos pais no sentido de garantir o estudo dos filhos.

Ocupações principais

Procurou-se levantar quais as duas principais ocupações desenvolvidas por cada um dos membros da família. As atividades sugeridas eram as seguintes: lavoura, criação, casa, estudante, professor, assalariado rural e assalariado urbano.

De acordo com as respostas dadas pelas mulheres, há um equilíbrio entre a dedicação às atividades voltadas à reprodução da família (arrumar e limpar a casa, lavar e passar roupa, cozinhar, lavar louça, cuidar das crianças etc)

e as atividades relacionadas à produção: enquanto a “casa” foi apontada como principal ocupação por pouco mais que 50% das mulheres entrevistadas, 47% delas apontaram “lavoura” (30%) ou “criação” (17%) como principal ocupação. Para a segunda ocupação principal mantém-se a mesma lógica, embora se evidencie aí a importância do trabalho das mulheres nas criações de animais, apontado como segunda atividade mais importante por 50% das entrevistadas (26% apontaram a casa e 23% destacaram a lavoura).

Entre os homens há uma forte recorrência nas respostas: 79% disseram que a lavoura se constitui na principal atividade. A mesma porcentagem afirmou que “criação” é a segunda ocupação masculina.

Observando as respostas de filhas e filhos no que diz respeito às ocupações principais, deve-se destacar dois elementos relevantes para a análise das relações de gênero: 1) é

possível notar dois padrões de comportamento, um característico de mulheres e filhas, outro característico de homens e filhos; 2) a atividade “estudo” ocupa posição diferenciada para moças e rapazes. É o que se pode analisar a partir dos dados apresentados no Quadro 2.

Para 36% das filhas entrevistadas a principal ocupação relaciona-se às atividades da casa, para 27% é o estudo e para 22% é a lavoura. Como segunda ocupação (não consta do quadro) aparece a casa em 41% das respostas, ficando a criação com 28% e o estudo com 19%.

Dentre os filhos, 44% apontaram a lavoura como atividade principal, enquanto que outros

44% apontaram o estudo. Como segunda ocupação principal, os filhos dedicam-se mais ao trato das criações (47%) e à lavoura (27%).

A diferença entre moças e rapazes no que diz respeito à importância do estudo entre suas atividades pode ser explicada, dentre outros elementos, pelo fato de que muitas vezes a atividade escolar só pode ser realizada à noite, ao mesmo tempo em que exige deslocamento da propriedade para outras regiões do município, muitas vezes à pé. É comum, então, nesses casos, só ser permitido à moça estudar quando tem a possibilidade de ir acompanhada por um irmão, de forma a não se deslocar sozinha à noite.

Quadro 2: Principais ocupações dos membros da família (%)

Membros da Família	Ocupação				
	Lavoura	Criação	Casa	Estudante	TOTAL
Mulheres (69)	30	17	52	0	69
Filhas (55)	22	9	36	27	55
Filhos (79)	44	8	3	44	79
Homens (68)	79	19	1	0	68

Fonte: Pesquisa de Campo/95

Ainda, a moça, por responder pelo trabalho doméstico, tendo às vezes maiores responsabilidades com relação a essas tarefas que a mãe, que nestes casos dedica-se prioritariamente às atividades relacionadas à produção, tem menos tempo disponível para o estudo que seus irmãos homens.

Esses fatores, porém, não se explicam por si, sendo consequências da valorização diferenciada que a sociedade e os pais atribuem à educação de rapazes e moças: segundo a visão dominante, as moças não teriam tanta necessidade de aprofundar os estudos, já que seu “destino” estaria reservado às tarefas consideradas domésticas, enquanto que aos rapazes caberia uma melhor preparação, de forma a se capacitarem para melhor conduzir os “negócios” da propriedade, ou para tentar nova vida na cidade.

Tempo dedicado à propriedade

Homens e mulheres entrevistados dedicam de 76 a 100% de seu tempo de trabalho à propriedade, entendida aqui como englobando

as atividades relacionadas à produção e à reprodução.

Dentre as filhas, 58% destinam a maior parte de seu tempo às atividades da propriedade. No caso dos filhos, 46% dedicam de 76 a 100% de seu tempo e 31% de 51 a 75% do tempo à propriedade.

Essa diferença entre moças e rapazes parece estar associada ao envolvimento diferenciado nas atividades escolares, ou seja: quem dedica parte significativa de seu tempo ao estudo o faz às custas da redução de sua contribuição ao trabalho na propriedade.

Participação em entidades organizativas

“... a Cooperativa não busca leite de não sócio... na época que ela veio buscar em Laranjeiras, eu ia me associar... com a nossa escritura eu podia me associar na Cooperativa de Guarapuava, e ele era sócio na Cooperativa de Laranjeiras.”

O último aspecto a ser identificado no que diz respeito à caracterização das famílias entrevistadas relaciona-se ao grau de participação dos membros da família em entidades de representação política e de organização da produção.

Metade das mulheres entrevistadas é filiada ao STR de seu município. As conquistas regis-

tradas na Constituição de 1988 em termos dos direitos previdenciários das mulheres trabalhadoras rurais, aliadas ao trabalho de sensibilização e conscientização realiza-

do por comissões de mulheres e STRs, causaram um rápido crescimento da filiação sindical dessas mulheres.

Mesmo tendo claro que o percentual de sindicalização de mulheres a que se chegou a

partir dos formulários é, certamente, superestimado em relação ao conjunto das trabalhadoras rurais do Paraná ou do Sul - na medida em que nos municípios em que foi desenvolvida a pesquisa já tem sido realizado trabalho com essas mulheres e, ainda, que a seleção das famílias entrevistadas coube às entidades

locais, sendo, portanto, indicadas pessoas que gravitam na área de atuação dessas organizações -, não há dúvidas de que a participação das mulheres nas enti-

dades sindicais era, até alguns poucos anos atrás, bem menor, para não dizer inexistente.

Como se observa no Quadro 3, as mulheres integram também as associações de cooperação agrícola e as cooperativas, tendo-se registrado,

Quadro 3: Associação dos membros da família às entidades

Entrevistado	Entidade		
	STR	Cooperativa	Associação
Mulheres	49	19	55
Maridos	79	54	68
Filhas	7	0	19
Filhos	4	0	23

Fonte: Pesquisa de Campo/95

respectivamente, 55% e 19%⁵ de filiação a essas organizações. Estes números podem ser explicados, por um lado, pelo fato de serem as associações, muitas vezes, organizações de cunho comunitário, onde a família como um todo faz parte da entidade e, por outro, pela forma através da qual é dada a representação da família nas grandes cooperativas: uma pessoa (em geral o homem) por propriedade, um voto.

Esse caráter das associações pode ser confirmado observando-se o número de jovens que integram essas experiências organizativas⁶. É importante notar que os jovens estão

mais voltados para essas organizações que para os STRs.

Além disso, vale destacar que 30 mulheres (47%) informaram que participam atualmente da diretoria de alguma entidade (sindicato, associação, igreja etc)⁷.

O Quadro 4 mostra algumas desigualdades entre homens e mulheres, mas mostra também que é significativo o número de mulheres entrevistadas que declararam possuir documentação básica, o que é mais um indicador da eficácia do trabalho organizativo que vem sendo realizado.

⁵ Cerca 19% de mulheres sócias é uma porcentagem altíssima para as grandes cooperativas, onde, de modo geral, as mulheres sócias reduzem-se às viúvas. Essa porcentagem é alta por incluir outros tipos de cooperativas, especialmente de assentamentos.

⁶ As porcentagens correspondem ao conjunto de filhas e filhos com idade superior a 13 anos das 69 famílias entrevistadas.

⁷ Na verdade, este é um percentual que pode ser considerado elevado para a média das mulheres agricultoras das regiões Sudoeste e Centro do Paraná. A forte presença de mulheres na direção de entidades está relacionada ao público selecionado para as entrevistas, uma vez que as coordenações municipais da pesquisa privilegiaram as famílias que participam mais ativamente das atividades promovidas pelos sindicatos.

Amiga, estamos no fim do seminário... Para mim apareceram algumas surpresas nos dados - no bom sentido. Percebi que o trabalho de organização de mulheres dá resultados. Senti também, durante este seminário, o interesse e a vontade das pessoas presentes em trabalhar a questão de gênero. Este esforço... pode dar um salto no sentido de avançar na construção de novos relacionamentos entre homens e mulheres, e novas prioridades de valores no convívio geral. É isto que começamos já experimentando aqui no seminário, que aconteceu num clima alegre e amigável. Valeu!

Quadro 4: Documentação pessoal e conta bancária das 67 mulheres entrevistadas

Têm certidão de casamento	64
Têm carteira de identidade	43
Têm CPF	45
Têm título de eleitor	62
Têm bloco do produtor	51
Têm carteira de motorista	4
Têm conta corrente individual	1
Têm conta conjunta com o marido	14
Não têm, mas os maridos têm conta	30

Fonte: Pesquisa de Campo/95

III. 2. A PROPRIEDADE

Neste item procurou-se levantar informações gerais sobre a posse da terra, o uso das terras para pastagens e lavouras, as criações de animais (à exceção do gado leiteiro), as culturas mais

importantes, os principais produtos na composição da renda familiar e o padrão tecnológico da propriedade.

Posse da terra

Todas as 69 famílias entrevistadas são proprietárias de terra. Cabe destacar que

mesmo quando se tratava de famílias assentadas em áreas desapropriadas para fins de Reforma Agrária, estas unidades foram consideradas como propriedades pertencentes às famílias nelas assentadas.

Buscou-se levantar se as famílias cedem terras a terceiros ou se utilizam de terras pertencentes a terceiros. Verificou-se que 12 famílias cedem parte de suas terras para outros agricultores. A maioria cede áreas menores que 6 ha: em cinco casos para arrendatários/parceiros, em três para filhos ou parentes e em dois casos para agregados. Ainda, 17 famílias utilizam-se, principalmente na condição de arrendatários/parceiros, de terras de terceiros (na maior parte dos casos, áreas menores que 6 ha).

Das famílias de agricultores entrevistadas, cerca de 25% participam de algum sistema comunitário de uso da terra, predominantemente as roças comunitárias e os condomínios de suínos.

⁸ Para a estratificação das áreas utilizou-se a referência corrente entre grande parte dos agricultores das regiões pesquisadas, ou seja, uma colônia de terras, que equivale a 24,2 ha. Por isso, os estratos foram aproximados e subdivididos em função de 25 ha.

Utilização da terra

Quase a metade das famílias entrevistadas (46%) possui estabelecimentos com áreas totais entre 12,5 e 25 ha⁸. Em seguida, aparecem 26% das propriedades com áreas entre 25 e 50 ha e cerca de 25% com áreas inferiores a 12,5 ha. Apenas 3% das famílias entrevistadas afirmaram possuir mais que 50 ha.

Em geral, tanto as áreas de lavouras como as de pastagens localizam-se, de acordo com a opinião dos entrevistados, nas proximidades da casa.

É importante destacar que dois terços das propriedades pesquisadas não possuem terras inaproveitáveis para uso agropecuário. Nos casos das propriedades com terras nessas

condições, a maior parte dessas áreas são menores que 2 ha.

Quanto à utilização dessas terras como lavouras temporárias⁹, verificou-se que 42% das propriedades utilizam para esta finalidade entre 5 e 10 ha e 24% entre 10 e 20 ha.

No que diz respeito ao uso das terras como lavouras permanentes, é preciso assinalar que 58% das famílias entrevistadas não utilizam a terra para essa finalidade. Dentre as que o fazem, a maioria utiliza até 2 ha.

Quanto às áreas de pastagens, cerca de 35% das propriedades utilizam entre 5 e 10 ha para esta finalidade, sendo que 32% utiliza entre 2 e 5 ha.

Os dois principais produtos cultivados pela maioria das famílias entrevistadas são o milho e o feijão. Deve-se destacar, ainda, que outras

culturas cumprem um importante papel tanto ao nível da destinação ao mercado como para a subsistência familiar. Nesse sentido, cabe registrar os seguintes produtos: soja, fumo, mandioca, arroz, cebola e alho, além de horti-granjeiros e frutíferas.

Além das lavouras temporárias e permanentes e da criação de gado leiteiro, as famílias entrevistadas criam outros animais. Na maioria dos casos, essas criações destinam-se prioritariamente ao consumo familiar, mas uma parcela expressiva dessa produção animal está voltada para atender às necessidades de mercado. Com relação às criações, tendo por base o universo das 69 famílias entrevistadas:

- 91% das famílias criam aves basicamente para o auto-consumo, sendo que apenas para 6% delas o destino principal dessa produção é o mercado;

⁹ Nas entrevistas realizadas, em 16 casos não foi respondida a questão referente à área ocupada com culturas temporárias. Para se proceder ao cálculo das terras ocupadas por essas lavouras estimou-se um número a partir da média de área utilizada pelas demais famílias.

- em 68% das unidades produtivas os porcos são criados para consumo doméstico e em 25% para o mercado;

- a piscicultura é desenvolvida em escala comercial apenas por duas famílias, enquanto que 43% das famílias entrevistadas possuem tanques para a criação de peixes, destinando sua produção para a reprodução familiar;

- a apicultura é desenvolvida por 22 agricultores, sendo que apenas em sete casos destina-se prioritariamente ao mercado;

- a criação de carneiros ou cabritos é realizada em 20 propriedades, sendo que somente uma família cria esses animais com finalidade comercial;

- o único produto animal voltado exclusivamente para o comércio é a produção de bicho-da-seda, registrada em apenas duas propriedades.

Principais fontes de renda

Nas entrevistas era solicitado a cada família que indicasse as seis principais fontes de renda monetária da unidade familiar.

O leite foi o produto mais destacado, sendo mencionado por 84% das famílias entrevistadas

- em 41% das respostas a renda proveniente da produção de leite e derivados apareceu em primeiro lugar.

Num segundo bloco de importância, destacaram-se as lavouras de milho e de feijão, tendo sido apontadas por 65% e 56% dos entrevistados, respectivamente. Num terceiro bloco, apareceram a criação de suínos, indicada por 26% das famílias entrevistadas como uma das principais fontes de renda monetária, e a produção de soja, indicada por 25% das famílias.

Padrão tecnológico e condições de moradia

“... lá em casa é assim: eu não vou até que o trato não está no cocho... quando eu escuto que o quebrador lá está moendo, daí eu esquento a água, daí vou prá estrebaria... quando o trato está no

cocho, daí eu vou tirar leite, senão eu não vou... isso já é um costume, né, ele traz a mandioca, traz o pasto, faz piquete, tudo né... eu só tiro o leite, quando eu estou, quando eu não estou ele tira...”

De modo geral, as famílias moram em casas de madeira (49 casos), sendo que 64 contam com água encanada e 68 são atendidas pelo serviço de eletrificação rural. As propriedades analisadas possuem chiqueiro (61), estrebaria (51), paiol (48) e galpão (39).

Quanto ao uso de implementos agrícolas, 49 famílias utilizam-se de serviços de tração motora (sendo que 17 possuem trator) e 60 de tração animal (todos possuem animais de tração na propriedade).

No que diz respeito à utilização de insumos, 65 usam adubação química, 58 calcário, 58 adubação orgânica e 51 agrotóxicos.

Ainda dois pontos merecem destaque para a caracterização do grupo entrevistado:

- quase 60% das famílias são tomadoras de crédito rural, o que demonstra um elevado grau de incorporação ao processo de modernização da agricultura;

- 32% das famílias contratam temporariamente assalariados para a execução de tarefas agrícolas sazonais. Apenas uma das famílias afirmou contratar empregado permanente.

III. 3. O REBANHO LEITEIRO

“O primeiro passo para tirar o leite é a preparação dos utensílios, o balde, os canecos, as jarras. Isto é feito dentro da própria casa. Vai para a estrebaria e prepara os alimentos, que pode ser a mandioca, o pasto verde... Coloca-se num cocho. Se tem terneiros que mamam, tem que levar os terneiros para a estrebaria, chamar as vacas, colocá-las prá dentro, aí amarra os pés, a cabeça... põe o terneiro a mamar. Primeiro você

limpa, faz a higiene dos tetos, depois põe o terneiro prá mamar, depois limpa de novo e tira o leite, e deixa as vacas terminarem de se alimentar. Depois você tem os dois processos... levar as vacas para o potreiro de volta, soltar as vacas, levar os terneiros prá onde eles ficam, se amarrados em pastagem, ou se fechados, separados das vacas... aí vai prá higiene, prá limpeza do leite... coa o leite, guarda, limpa os vasilhames, e também o processo de limpeza da estrebaria... se é piso, a limpeza do esterco... e o processo de guardar cordas, toda essa questão mais final... depois vem o outro processo novamente que é a busca do trato, pro outro dia... de tarde quando vem da roça já traz o pasto, ou uma criança, alguém busca... as crianças têm uma participação muito grande nisso. Elas chamam as vacas, levam os terneiros... com a minha cunhada, nós é que fazemos este

trabalho, junto das crianças, só em casos excepcionais os homens participam. Mas geralmente a busca do trato, a preparação do trato, a busca dos terneiros, o remanejamento dos terneiros e até tirar o leite são as crianças que fazem.”

Com relação ao total de cabeças do rebanho bovino, 39% das propriedades possuem entre 10 e 14 e 23% entre 15 e 19 animais.

A maioria das propriedades (42%) possui entre cinco e sete vacas, enquanto que 22% delas possuem três ou quatro vacas.

Outras características relativas ao rebanho leiteiro:

- mais da metade das famílias (55%) possui touros para a reprodução do rebanho. Em função do tamanho do rebanho, quase todos possuem apenas um animal reprodutor masculino. Somente seis propriedades possuem dois ou mais touros;

- em geral, predomina a criação de gado misto, derivado do cruzamento de diferentes raças. Este tipo de gado foi encontrado em 72% das propriedades. O gado de raça holandesa está presente em 51% das propriedades, o gado comum em 30%, o jersey em 26%, o girolando em 19% e o nelore em 4%;

- 77% das famílias abateram, no ano de 1994, animais para consumo familiar (de modo geral, um ou dois animais);

- 35% das famílias abateram, no ano de 1994, animais para venda (na maioria dos casos até duas cabeças);

- 42% das propriedades tiveram perdas de animais em 1994 (na maioria dos casos, por motivo de doença ou acidente, um animal);

- na alimentação do rebanho são utilizados: sal mineral (94% dos casos), sal comum (90%), mandioca/abóbora/batata-doce (84%), ração própria (65%), silagem (39%), feno (25%) e ração industrializada (10%);

- no manejo do rebanho são utilizados: vacinas (98%), triturador (81%), remédios caseiros (65%), sistema de resfriamento do leite (77%), espalhador/distribuidor de esterco (10%) e ordenhadeira (8%);

- cabe destacar que 46% das propriedades utilizam cerca elétrica e 49% inseminação artificial.

“Nós colocamos na geladeira. A maior parte dos agricultores faz isso. Quem não tem geladeira coloca já dentro do bujão, a gente separa, não coloca junto com o leite da manhã, por que dá muito problema de acidez e às vezes se perde todo o leite quando mistura os dois. O pessoal usa o sistema de água corrente e fecha o bujão e deixa lá, isso para quem não tem geladeira... tipo um resfriador com água natural. Quem tem geladeira, coloca na geladeira, só que tem que tirar tudo da geladeira, isso é um problema,

senão o cheiro vai passar pro leite. Todo dia você tem que tirar tudo, depois colocar tudo de novo. A mão-de-obra que dá é muito grande. A vantagem é que você envolve as crianças, muitas coisas as crianças fazem.”

III. 4. PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE LEITES E DERIVADOS

“... minha história é assim, meu marido, quando eu casei, então ele queria dominar tudo, mandar em tudo... eu tinha uma consciência que eu não queria... aí se eu gastava o dinheiro da roça, ele dizia ‘o dinheiro da roça tem que investir na produção, não pode esbanjar’, e ficava sempre reclamando... aí eu disse ‘eu quero ter autonomia nos meus negócios... esse negócio de ficar pedindo... quando eu gasto tu reclama, se é um bolo só fica reclamando, então eu quero ter

autonomia’, daí eu comecei a me organizar em vaca, comecei a comprar, tinha vaca ruim, tinha sete vacas, tirava um balde de leite só, daí queria que ele me comprasse uma vaca boa, uma holandesa, que a Cooperativa já tinha, e ele não queria... aí um dia eu fui lá e comprei...”

Produção e comercialização de leite

“Dez para as oito o leite tem que estar na estrada. Então a gente vai para mangueira sete horas, sete e dez, agora tem casos que o pessoal tem que colocar o leite na estrada às seis e meia, depende da rota do freteiro, no nosso caso a gente mora mais perto do município... quanto mais longe, mais cedo você tem que colocar na estrada.”

Como se pode observar no Quadro 5, quase a metade das famílias entrevistadas produzem até 20 litros por dia.

Todas as famílias entrevistadas consomem leite, sendo que 64% delas reservam de 1 a 2 litros de leite por dia para o consumo familiar.

O leite é utilizado na sua forma natural por quase todas as famílias. Além disso, o leite é aproveitado para a produção de queijo (em 61% das famílias entrevistadas), nata (68%), manteiga (46%), doce de leite (56%), leite condensado (19%), requeijão (17%), iogurte (14%), coalhada (7%), podendo ainda ser utilizado como ingrediente para fazer bolos, sobremesas, sorvetes etc.

“Nunca fizemos um cálculo, mas fica em casa o suficiente para o consumo, o consumo à vontade de leite. Eu uso muito para fazer iogurte, leite condensado, essas coisas pra necessidade da família, e o que sobra a gente faz o queijo.”

Pouco mais que um terço das famílias entrevistadas (34%) não vende leite líquido. Dentre as famílias que vendem, a maioria (64%) concentra-se no estrato de volume de comercialização diária de até 20 litros. Mas, quem compra? A maior parte das famílias (64%) vende o leite para laticínios da

região, 35% para cooperativas e 19% vende diretamente para os consumidores.

Produção e comercialização de queijo

“O processo do queijo é você reunir o leite, colocar na panela, misturar o sal, o coalho, pra ele ir fermentando, aí você tem que deixar ele numa temperatura média de aquecimento para ele azedar, coagular. Aí você faz um processo de separação do soro com a massa, e põe ele na forma, prensa

Quadro 5: Produção diária de leite

Produção (litros/dia)	Propriedades (%)
até 10 litros	19
de 11 a 20	29
de 21 a 30	24
de 31 a 50	18
de 51 a 100	5
mais de 100	2

Fonte: Pesquisa de Campo/95

ele... deixa um tempo para sair todo o soro. Tem todo dia o trabalho de ir lavando, virando ele, num lugar limpo, ventilado, para evitar problemas... tem que ter muito cuidado, especialmente no verão, as moscas. É um processo que exige da gente dedicação, tem que estar lá todo dia fazendo isso, senão a qualidade fica péssima.

A gente consegue ter um produto bom, mas tem que ter cuidado, dedicação o tempo todo, não é uma coisa que você faz e acabou, o leite você vendeu, entregou, tranquilo... o queijo não, você tem preocupação permanente. São dez litros de leite bom para um quilo de queijo. O queijo fica pronto para consumo em quatro ou cinco dias. Dependendo do gosto, mais molinho ou mais maduro, mas quatro ou cinco dias ele já está pronto... nós fazemos isso na cozinha.”

Cerca de 54% das famílias entrevistadas

produzem queijo (tanto para consumo doméstico como para comercialização). Dessas 37 famílias que produzem queijo, 33% produzem até 1 kg/semana, 19% de 1 a 5 kg/semana e 22% de 5 a 10 kg/semana.

Quanto à comercialização, somente 22% das famílias vendem queijo, sendo que a maioria comercializa de 4 a 12 kg/semana.

Este produto é destinado fundamentalmente aos mercados das cidades (59%) e à venda direta aos consumidores (39%).

Como é gasto o dinheiro

“... em casa não existe dinheiro meu, dinheiro dele... a gente compra as coisas de casa, as coisinhas do leite, é roupa, mais prá isso...”

“... lá em casa, quando dividimos, eu fiquei com as vacas, ele ficou com a outra

produção... eu pegava meu dinheiro e podia fazer o que eu queria... mas primeira coisa a gente paga a luz e o telefone, aí o que sobra... prá fazer o que quiser, se quiser fazer um rancho, faz... briga a gente tinha antes, ele passou a entender... ele via que a gente não gastava à toa... tinha aquela tradição, os antigos diziam assim que... principalmente os gaúchos... 'se não cuida, a mulher gasta tudo e leva a família à pangarot... não pode dar muita liberdade prá mulher'... aí depois, quando os homens vêem que isso não é verdade, pega confiança... hoje não existe mais esse problema de esse dinheiro é meu, esse é teu... mas eu ainda tenho a minha caixa ..."

Através dos formulários buscou-se saber qual o destino dado ao dinheiro obtido com a venda do leite e seus derivados. O questionário elencava uma série de possíveis despesas¹⁰ e cada entrevistado opinou em quais delas o dinheiro do leite e seus derivados é prioritariamente aplicado e quem realiza o gasto.

Conforme levantamento dos dados de campo, os recursos monetários obtidos com o leite são aplicados predominantemente nas compras para casa, na educação dos filhos, na conta de luz e gastos na produção de leite.

¹⁰ As despesas descritas no formulário eram: compras para a casa (alimentação, higiene e limpeza), conta de luz, educação dos filhos (transporte, compra de material escolar), saúde (consultas, exames, remédios), transporte da família, utensílios domésticos, gastos na produção de leite, gastos em outras produções, gastos pessoais dos filhos, gastos pessoais do marido, gastos pessoais da mulher.

IV

**ROTINA DE VIDA
E TRABALHO NA
FAMÍLIA**

Busca-se, aqui, entender a participação dos integrantes da família no contexto das diferentes esferas de trabalho da unidade familiar.

Tomando-se por base o que acontece no dia-a-dia das famílias, tanto dentro de casa como nas atividades externas, é possível identificar os papéis sociais desempenhados por mulheres, homens, jovens e crianças, particularmente nas tarefas (cotidianas e não cotidianas) relacionadas à produção de leite.

Para apreender o significado dessas relações de gênero foram adotadas duas estratégias metodológicas complementares. Inicialmente, nos formulários que orientaram as entrevistas de campo era solicitado aos entrevistados (individualmente) que opinassem a respeito da execução e controle de diferentes atividades de-

envolvidas na propriedade. Após a sistematização dessas informações, esses dados foram apresentados e debatidos nos seminários regionais e municipais.

Ao se colocar frente a frente mulheres, homens e jovens discutindo aspectos relacionados à distribuição do conjunto das tarefas realizadas na unidade familiar (quem faz o que, quem ajuda quem, quem controla ou planeja o que, quem desenvolve as atividades na casa, na lavoura, na criação, na transformação primária de produtos, na comercialização, na capacitação etc) ou representando, através da utilização de técnicas de teatralização, seu cotidiano de vida e trabalho, os seminários viabilizaram o debate sobre questões extremamente concretas das vidas dos participantes.

Mais que isso, tratava-se de uma discussão nova, com um enfoque diferente: os participantes dos seminários não haviam, até então,

tido oportunidade de refletir e se questionar a respeito de costumes quase que “naturais”. Grande parte dos participantes dos seminários ficavam perplexos ao perceber como determinados aspectos traduzem, por exemplo, a desigualdade, a desvalorização e a discriminação do trabalho feminino no próprio seio da família.

A metodologia trabalhada nos fez perceber aquilo que no dia-a-dia a gente não enxerga com relação ao trabalho do conjunto familiar...

Para compor as informações que viriam a dar base a esse debate, foi solicitado a cada um dos entrevistados que respondesse como percebe seu papel dentro da unidade familiar. Nesse sentido, cada entrevistado (mulheres, homens e jovens), separadamente, relatou o que faz normalmente no seu cotidiano. Para a análise nesse relatório foram consideradas apenas as atividades mais citadas nas entrevistas.

A participação de cada membro da família nas atividades diretamente relacionadas à produção

de leite foi, na sequência, investigada. Adotando-se o mesmo procedimento do item anterior, foram sistematizadas as principais opiniões de mulheres, homens, filhas e filhos a respeito de “quem faz”, “quem ajuda” e “quem decide” nas tarefas (cotidianas ou não) selecionadas no formulário. É importante destacar que nesse item, diferentemente do anterior, cada membro da família não emitiu opinião apenas sobre seu trabalho, mas sobre o de cada membro da família envolvido na atividade leiteira.

Os resultados obtidos sobre a relação de mulheres e homens com os agentes externos à manteiga, requeijão). Os homens (pais e/ou filhos), ao voltarem da lavoura, tratam as criações.

IV. 1. UM DIA NA VIDA DE UMA FAMÍLIA DE AGRICULTORES

“... se eu chego de viagem, se eu chego às sete, no caso, se eu escuto o barulho do motor, fico bem quietinha, tomando

chimarrão, mas se eles vêm que eu cheguei em casa, ah, não vão tirar leite, é assim, a hora que eu cheguei, eu tenho que ir prá estrebaria tirar o leite. Mas eu chego bem quietinha, aí eles chegam e dizem assim 'ah, tu já chegou'... mas ele arruma o trato... é raras vezes, só se ele não está... isso é trabalho dele... E também prá entregar pro leiteiro, um dia vai eu, um dia ele, daí ele me cutuca na cama... deixa que eu levanto, aí no outro dia 'agora vai você'... daí ele vai... um dia eu, um dia ele, tudo repartido."

"... lá em casa o compromisso é dos dois... a gente vai na roça os dois, a gente vem embora e já vai lidar com as vacas... mas a mulher... que nem no domingo, se ele está jogando bola, é claro que não vai se preocupar com as vacas... quem tem que pensar em deitar cedo sou eu..."

Cada sociedade estabelece padrões de comportamento - correspondentes aos diferentes sexos, idades, gerações - que regem a divisão social do trabalho.

Nas comunidades rurais do Sul do Brasil, predomina um tipo de organização social que atribui ao homem a responsabilidade da organização do processo de trabalho agrícola e da representação da unidade de produção no espaço público. Por sua vez, caberia às mulheres agricultoras um papel "coadjuvante": em geral, não são reconhecidas como produtoras, sendo atribuída a elas a função básica de garantir a reprodução da família.

A reprodução desses estereótipos, que implica num conjunto específico de saberes e práticas, é assegurada através de sua transmissão de geração a geração: filhos e filhas são educados de acordo com o papel social que pretensamente deveriam desempenhar na sociedade.

Para identificar os papéis sociais assumidos pelos diferentes componentes de uma família de agricultores, foi solicitado a cada um deles que relatasse o que normalmente faz durante um dia.

Com o objetivo de facilitar a sistematização das respostas, o formulário dividiu a duração do dia em sete períodos (antes do café da manhã, depois do café da manhã, antes do almoço, depois do almoço, meio da tarde, fim da tarde e depois da janta), de maneira a tornar possível identificar para cada um desses períodos do dia quais as atividades¹¹ que predominam e quem as executa.

De um modo geral, as mulheres (mães e filhas) desempenham um papel fundamental na dinâmica da unidade de produção familiar, interferindo diretamente nas diferentes esferas de atuação - produtiva e reprodutiva. Os homens (pais e filhos), por outro lado, cumprem função decisiva particularmente na área da produção, mas raramente atuam no espaço da reprodução familiar.

De acordo com a sistematização dos dados, pode-se observar que, antes do café da manhã, as mulheres e as moças têm como principal

¹¹ Como as atividades foram citadas livremente pelos entrevistados, decidiu-se agrupar as atividades afins, de modo a tornar a lista de atividades menos extensa. Ainda assim, foram identificados 35 blocos de atividades: tirar leite; trazer/soltar vacas; tratar vacas; buscar/fazer pasto; fazer/triturar forragem ou quirera; coar leite/lavar vasilhas/descongelar leite/resfriar; cuidar de terneiros; limpar a estrebaria; engarrafar/envasar leite; entregar leite/levar na estrada; fazer manejo de cerca (elétrica ou não); fazer queijo; trabalho na roça; cuidar de outras criações (preparar alimentos/tratar porcos/limpar chiqueiro etc); cuidar da horta; tratar galinhas/recolher ovos; trabalhar no aviário; consertar benfeitorias; realizar outros trabalhos na propriedade (fazer artesanato/cuidar do moinho/descascar arroz/escolher sementes/consertar ferramentas); arrumar/limpar a casa/limpar ao redor de casa; arrumar cozinha/lavar e secar louça; lavar/colher/passar roupa; costurar/remendar/fazer tricô ou crochê; cuidar e brincar com as crianças; ajudar filhos nas tarefas escolares; preparar refeições ou alimentos/fazer fogo/buscar lenha; ir à aula/estudar; fazer a higiene pessoal; descansar/tomar chimarrão ou lanche; assistir tv/escutar rádio; conversar com a família/rezar; visitar amigos ou parentes/jogar baralho/ir ao bolicho/ir a reuniões/namorar; ler/tocar violão/pintar/outras atividades individuais; dar aulas na escola/preparar aulas; cuidar do apiário.

preocupação a tarefa de tirar leite, o que implica em um conjunto de atividades complementares (levar as vacas até a estrebaria, dar ração, lavar as vasilhas, levar os tarros de leite até a estrada etc). Em geral, essas tarefas são realizadas pelas mulheres, que neste período ainda preparam o café da manhã para a família e, em alguns casos, cuidam das criações (porcos e aves).

No caso dos homens, a atividade realizada neste período mais lembrada nas entrevistas foi justamente o trato das criações (gado, inclusive), sendo que uma parcela minoritária deles (36% dos maridos e 25% dos rapazes) afirmou se dedicar também à ordenha das vacas.

A intensidade de trabalho masculino na atividade de ordenha pode ser relacionada à importância comercial da atividade para a unidade familiar: se o volume de leite produzido é pequeno, verifica-se a tendência de uma menor participação masculina nesta atividade;

no entanto, se a produção leiteira assume relevância como fonte de renda, é possível perceber a tendência no sentido de uma participação mais ativa dos homens.

“... se é mais prá vender, aí os homens se preocupam mais, o pasto também... se preocupam com uma série de coisas, com o pasto, com a melhoria do rebanho, das vacas, tudo assim...”

Ainda referente ao período anterior ao café da manhã, nas entrevistas realizadas com os maridos a resposta que mais apareceu nesse período do dia foi tomar chimarrão (57%). Os demais componentes da família também lembraram deste hábito, porém com menor intensidade.

Em algumas famílias as atividades externas à casa são realizadas após o café da manhã, mas mantém-se a mesma divisão sexual de trabalho.

Depois dessas atividades, os homens dirigem-se à roça, enquanto que a maioria das mulheres dedica-se, inicialmente, às atividades domésticas (limpar a casa, lavar a louça do café e a roupa). Terminado esse serviço, deslocam-se até as áreas de lavoura para trabalhar na roça. Nos períodos de maior exigência de mão-de-obra na lavoura (colheita, por exemplo), as mulheres costumam deixar as atividades domésticas em segundo plano e priorizar as tarefas agrícolas.

É possível relacionar a intensidade de trabalho das mulheres na lavoura ao número

de filhos disponíveis para a execução de tais atividades. Se a família ainda não possui filhos em idade de trabalho na lavoura ou se alguns deles já deixaram o grupo doméstico, seja para a constituição de outro, seja para migrar em busca de novas alternativas de terra ou emprego, a unidade de produção irá exigir da mulher um esforço redobrado, de modo a superar as limitações de disponibilidade de força de trabalho familiar. Por outro lado, se, por exemplo, o número de filhas moças é suficiente para que elas se responsabilizem pelo trabalho doméstico, as mulheres tendem a

Quadro 6: Principais atividades realizadas pelos membros da família antes do café da manhã (%)

Atividades	Mulher (67)	Homem (68)	Filha (21)	Filho (12)
Tirar leite	71	36	62	25
Preparar café, fazer fogo, cortar lenha	56	-	-	-
Tomar chimarrão	40	57	-	42
Cuidar de outras criações	15	49	-	50
Tratar das vacas	-	27	-	-
Lavar vasilhas, coar leite	-	-	24	-

Fonte: Pesquisa de Campo/95

aumentar o tempo de trabalho dedicado às atividades agrícolas.

No final da manhã, as mulheres (mães e/ou filhas) costumam retornar para casa um pouco mais cedo que os homens com o objetivo de preparar a refeição a ser servida no almoço e/ou para trabalhar na transformação do leite em seus derivados (queijo, manteiga, requeijão). Os homens (pais e/ou filhos), ao voltarem da lavoura, tratam as criações.

Logo após o almoço, às mulheres cabe a limpeza da cozinha, bem como outras atividades domésticas que eventualmente não tenham sido executadas durante a manhã (limpar casa, lavar roupa etc). Também aqui observa-se que enquanto as mulheres estão trabalhando nas atividades domésticas, os homens estão descansando. As respostas dos entrevistados que afirmaram descansar depois do almoço serve como indicador para revelar a sobrecarga de trabalho das mulheres: cerca de um terço delas

(mães e filhas entrevistadas) mencionaram que descansam depois do almoço, enquanto que no caso dos homens este percentual sobe para 58%, sendo que nas entrevistas com os rapazes chega a 75%.

Depois de recuperar parte das energias despendidas no período matinal, os homens retomam as atividades agrícolas, sendo acompanhados, sempre que possível, por outros membros da família (mulher e/ou filhos). Conforme as declarações das mulheres, parece ser nesta parte do dia que preferem trabalhar na horta.

Os jovens (moças ou rapazes) que frequentam a escola no período noturno tendem a preferir o início da tarde para estudar e fazer suas tarefas escolares. Por sua vez, os jovens que frequentam a escola em outro período do dia deixam para estudar à noite. Terminadas essas tarefas, trabalham junto aos pais nos serviços domésticos ou agrícolas.

Ao final da tarde todos retornam à casa e vão cuidar dos animais: as mulheres voltam-se fundamentalmente para as tarefas relacionadas à produção de leite (tratar vacas, tirar leite etc), enquanto que os homens dedicam-se mais às demais criações, também colaborando nos serviços relativos à ordenha e trato das vacas.

Terminadas as tarefas externas à casa, os jovens que estudam à noite preparam-se para ir à escola. Para os homens, o dia de trabalho, em geral, se encerra nesse momento, tendo em vista que nenhum deles citou para além desse

período a realização de qualquer atividade ligada à produção ou à reprodução da família.

E é justamente neste ponto que reside a principal característica que define também para as mulheres do campo a dupla jornada de trabalho: enquanto os homens assistem TV, escutam rádio ou simplesmente descansam, as mulheres estão cozinhando, limpando a cozinha, passando roupa, costurando ou tricotando. Por mais que muitas destas tarefas possam ser realizadas simultaneamente ao acompanhamento do noticiário, da novela ou de outro programa de interesse, ainda assim ela con-

Quadro 7: principais atividades realizadas pelos membros da família depois do jantar (%)

Atividades	Mulher (67)	Homem (68)	Filha (21)	Filho (12)
Lavar louça, arrumar cozinha	62	-	-	-
Assistir à TV, escutar rádio	51	76	50	58
Passar roupa	24	-	-	-
Costurar, remendar, tricotar	15	-	-	-
Descansar	12	18	-	-
Ir à aula, estudar	-	-	43	42

Fonte: Pesquisa de Campo/95

tinua trabalhando. Ou seja, o dia de trabalho das mulheres agricultoras não termina no mesmo momento em que termina a jornada de outros componentes da família.

IV. 2. O TRABALHO NA PRODUÇÃO DE LEITE

“... as vacas são tratadas com o maior carinho... nunca eu surro uma vaca... quando a vaca dá coice, às vezes ela tem um teto com arranhão... ou até mastite... a gente faz o teste em casa, já compra o remédio, coloca na teta... não precisa chamar ninguém...”

“... nós planejamos juntos plantar, o sol que daí é muito, eu não posso... daí mais é ele, puxar pasto, também, nunca preciso me preocupar... só se ele não está...”

Além dos aspectos tratados no item anterior, que proporcionam um panorama geral da rotina de vida e trabalho das famílias entrevistadas, buscou-se também refletir sobre como se desenvolvem as relações de gênero especificamente na produção de leite. Para tanto, o questionário indicava um conjunto de atividades (dez cotidianas¹² e 14 não cotidianas¹³), solicitando a cada um dos entrevistados sua opinião a respeito de quem executa, quem ajuda

¹² As tarefas cotidianas apontadas no questionário foram as seguintes: cortar e trazer pasto, triturar alimentos, trazer e levar animais, manejar os bezerros, fazer a higiene e a ordenha das vacas, coar leite, lavar e guardar os utensílios, transportar, armazenar e resfriar o leite, limpar a estrebaria e manejar a cerca elétrica.

¹³ Os serviços não cotidianos indicados foram: consertar a cerca (elétrica ou não), limpar o pasto, implantar e manter as pastagens permanentes, consertar a estrebaria, comprar medicamentos, aplicar remédio e vacina, fazer silagem, comprar utensílios, comprar equipamentos, levar a vaca no touro, fazer inseminação artificial, dar assistência ao parto, vender animais e comprar animais.

e quem decide sobre as atividades relacionadas à produção leiteira.

De um modo geral, pode-se perceber claramente uma divisão sexual de trabalho na execução e planejamento das atividades que ao longo do ano envolvem a produção de leite numa unidade agrícola familiar. De acordo com as indicações da pesquisa de campo, são os homens que realizam e decidem a respeito da grande maioria das tarefas aqui consideradas como não cotidianas. Entretanto, as tarefas cotidianas e permanentes, que devem ser realizadas no dia-a-dia do trabalho, são realizadas predominantemente pelas mulheres.

Atividades não cotidianas

“... se eu vejo que ele não se preocupa, a aveia eu busquei... levei prá ele em casa ‘tá aqui a aveia’... daí eu fico incentivando ‘tá na hora de plantar a aveia’... ‘agora você tem que plantar cameron’...”

Dentre as 14 tarefas não cotidianas levantadas, em 12 delas os homens aparecem como os principais executores. Apenas em duas situações isso não ocorre. Primeira, quando se trata de fazer a inseminação artificial nos animais, verifica-se que junto com a figura do homem surge a presença do técnico (que, em geral, é acompanhado pelo homem); e, segunda, quando é necessário adquirir utensílios necessários à atividade leiteira: nesse caso quem vai à cidade é quem realiza a compra.

O que se observa é que de todas as tarefas não cotidianas apontadas no questionário esta última (aquisição de utensílios) é a única em que cabe às mulheres a decisão a respeito do momento necessário para a sua realização. As demais tarefas não cotidianas são decididas predominantemente pelos homens, sendo exceções as decisões acerca da inseminação artificial e da venda de animais, divididas com os demais membros da família.

Além de identificar “quem faz” e “quem decide”, procurou-se saber também “quem ajuda” em cada uma das tarefas. Ao contrário dos ítems anteriores, em que se conseguia identificar uma figura que predominava sobre as demais, quando se tenta levantar as pessoas que “ajudam” percebe-se são vários os componentes da família envolvidos.

É possível perceber, então, uma divisão de responsabilidades que demarca com certa precisão quem faz e quem decide, mas cabe a todos os componentes da família colaborar para que as tarefas sejam realizadas.

É comum ouvir que a escolha do ajudante se dá levando em conta a disponibilidade de trabalho de cada um naquele momento específico. Nesse sentido, em muitas atividades (tais como o conserto de cercas, o plantio ou a roçada das pastagens, a produção de silagem, a compra de utensílios e equipamentos, a inseminação artificial) todos ajudam na sua

realização. Em outras é possível identificar espaços mais cristalizados, que podem ser exercidos tanto pelas mulheres (assistência ao parto, venda e compra de animais) como pelos filhos (limpeza do pasto, conserto da estrebaria, aplicação de remédios e vacinas, levar a vaca no touro).

Atividades cotidianas

“... eu sempre vou na estrebaria às 6:30, quando eu termino e começo a fazer o serviço de casa, já é 8:00... guardar leite, lavar balde, lavar o cano do leite, ajeitar tudo isso ... tenho quatro vacas de leite... duas vezes por dia, e nós somos dois, só essas coisas de guardar o leite, lavar o balde, é meu...”

“... no pasto ele ajuda, porque nós temos que puxar nas costas longe...”

“... nós temos todo tipo de vizinho... o primeiro vizinho, acho que nem sabe a cor do teto da vaca, nunca vai na estrebaria...”

Diferente do que acontece com as tarefas não cotidianas, grande parte das tarefas cotidianas são de domínio feminino (tanto no que se refere à execução como à decisão).

Dentre as atividades diárias, cabe mais ao homem o corte do pasto para alimentação dos animais, a manutenção da cerca elétrica e a trituração de alimentos. Percebe-se que as atividades que envolvem o manejo de equipamentos (cerca elétrica e triturador) são mais restritas à esfera de trabalho masculino. Para a realização desses serviços os vários integrantes da família podem ser escolhidos para ajudar.

Às mulheres são atribuídas as tarefas relativas a: manejo dos bezerros; higiene e ordenha das vacas; coar, transportar, armazenar e resfriar o leite; lavar e guardar os utensílios;

limpeza da estrebaria; condução dos animais entre os locais de pastagem e de ordenha. Em todas essas tarefas, as mulheres não apenas são as que mais frequentemente foram apontadas como responsáveis pela execução, mas também como as pessoas que detêm a decisão. Nessas tarefas, as mulheres adultas contam com a ajuda de todos os membros da família, particularmente das filhas jovens. As crianças menores têm importante participação nessas atividades, especialmente na limpeza da estrebaria e no manejo dos bezerros.

“A busca do trato, a preparação do trato, a distribuição do trato no cocho, o manejo dos terneiros é feito pelas crianças, normalmente. Para tirar o leite são as mulheres e também as crianças, eles ajudam prá tirar o leite. Soltar as vacas também normalmente é feito pelas crianças. A gente mais tira o leite, leva prá dentro da casa, lá coa e faz o trabalho de armazenar...”

Como cada um percebe o seu trabalho e o dos outros

“... o homem funciona assim, se você se dedica, eles puxam prá trás, agora se você não faz, ele vê que é uma renda, né... daí ele começa a xingar, ‘ih, eu tenho que fazer’... aí eu faço junto... mas ele sempre tem que ajudar... o pasto é muito pesado... mandioca eu não consigo mais arrancar... e cana, às vezes ele fala duas, três vezes ‘tem que tirar pasto’, ‘pois é’, eu digo, ‘tem que tirar sim’... fala duas, três vezes... eu não faço que vou... de repente ele pega a carreta... mas é que a gente está sempre lidando na cozinha, lavando roupa, isso ele não lava, né...”

Hoje faz dois dias que estou longe de você e dos meus filhos. Mas quero que saibam: foi muito bom estar aqui neste seminário, pois tenham certeza de que eu aprendi a

valorizar mais os trabalhos nossos. E distribuir mais as tarefas de cada um. Vai um recadinho ao [filho]: prometo que a partir de hoje eu tenho que reconhecer que o trabalho dele com o manejo dos bezerros é tão importante quando os outros trabalhos de nós adultos... já estou ficando com saudades dos companheiros do seminário... foi muito bom. Abraços de sua amada.

Analizando a forma como cada entrevistado reage ao responder a este bloco de questões, é possível apontar algumas considerações:

- há uma forte tendência das mulheres em identificar a si próprias como sendo as principais ajudantes nas tarefas executadas predominantemente pelos homens. Por outro lado, os homens tendem a reconhecer que na maioria dessas atividades são os rapazes os principais ajudantes;

- para várias das famílias entrevistadas, o momento de responder a essas questões foi um

momento de se dar conta, mostrando inclusive certa surpresa, de que as crianças realizam uma série de atividades, o que parece não ser usualmente notado;

- de um modo geral, através das respostas dadas pelas famílias entrevistadas, nota-se que atualmente as mulheres conquistaram importantes espaços nas decisões familiares. Mesmo os homens reconhecem que muitos assuntos já não são mais decididos exclusivamente por eles. Hoje uma parcela, embora pequena, já começa a sentir a necessidade de ouvir, conversar e tomar determinadas decisões em conjunto com a mulher e os filhos;

- é curioso observar que os homens reconhecem menos o trabalho desenvolvido pelas moças que o realizado pelos rapazes (eles parecem não notar o que as filhas realizam);

- deve-se ressaltar, ainda, que cada integrante da família tende a enfatizar particularmente a sua inserção específica, atribuindo a si próprio

um destaque especial. Esse comportamento é particularmente acentuado entre os rapazes, que são, claramente, os que mais se auto-valorizam.

IV. 3. MULHERES E HOMENS E A RELAÇÃO COM AGENTES EXTERNOS À PROPRIEDADE

“... lá a cooperativa, a venda é organizada... e eu estou vendendo no meu nome prá poder ter nota, só que a gente não recebe o retorno no final do ano... a carteirinha é de não sócio...”

“... nós vendemos em conjunto... o cheque vem no nome dos dois...”

“... depois que eu casei é uma realidade totalmente diferente do que era na casa do meu pai... as mulheres, cuidar da vaca tudo bem, mas fazer o negócio, comprar,

tudo isso... agora com meu marido é diferente... quem está faz...”

Na perspectiva de identificar as atividades de homens e mulheres na produção leiteira, o formulário solicitou às mulheres informações relativas à participação na comercialização de leite e derivados, na assistência técnica e crédito rural, bem como em cursos, palestras e reuniões sobre a produção leiteira.

Já foi visto que são as mulheres quem, na maior parte das vezes, tiram o leite. Mas será que a importância de seu papel se estende à relação com os agentes externos à propriedade?

Verifica-se, no que diz respeito à comercialização de leite e queijo, que apesar de seu papel fundamental no processo de produção, as mulheres não detêm o controle sobre as diversas

esferas desse processo. Observa-se, em primeiro lugar, que a nota da comercialização do leite¹⁴ sai, na grande maioria das famílias entrevistadas (75%), exclusivamente em nome do homem.

Ou seja, por mais que a produção seja realizada preponderantemente pelas mulheres, o produtor reconhecido pelos compradores tem sido, na maior parte dos casos, o marido: aquele que “representa” a unidade familiar de produção. Em 20% dos casos contemplados pela pesquisa, a nota do leite sai em nome de ambos, marido e mulher, sendo que em apenas 14% das famílias entrevistadas a nota do leite sai em nome da mulher.

Outro aspecto levantado refere-se ao recebimento do dinheiro relativo à comer-

¹⁴ Quando o leite é vendido para cooperativa ou laticínio, o pagamento pelo produto é feito mensalmente. Cada produtor tem sua produção e descontos registrados na “Nota do Leite”, emitida pela empresa. Ao valor líquido constante na “Nota do Leite” corresponderá um cheque da empresa nominal ao produtor, correspondente ao pagamento pelo leite entregue no mês anterior.

cialização do leite: na maioria dos casos observados (52%), é o homem quem recebe o pagamento mensal do leite. No caso da comercialização do queijo, que em poucos casos é considerado um produto importante, sendo tratado, juntamente com ovos e hortaliças, como uma das “miudezas” produzidas na propriedade, a participação das mulheres no recebimento do dinheiro é mais significativa, chegando a representar 56% das famílias que responderam a esta questão.

As mulheres conquistaram um espaço maior no que diz respeito às relações com os compradores (de leite e de queijo) e com os freteiros. Em geral, esses agentes da comercialização procuram com maior frequência as mulheres, principalmente quando se refere à compra de queijo (71%).

Tentando perceber como outros agentes se relacionam com aos agricultores produtores de leite, cabe indagar a respeito da relação com os profissionais que prestam assistência técnica à produção leiteira na unidade familiar¹⁵.

Querida amiga, participei de um seminário sobre relações sociais de gênero. Foi muito legal, pois me fez questionar uma porção de coisas sobre como se dá, na prática, a divisão de trabalho/responsabilidades/decisão na família. Foi interessante porque eu ficava imaginando, ou melhor, comparando com a minha família... com o meu trabalho, minha postura e comportamento frente aos problemas de gênero que no cotidiano eu enfrento. Pô, às vezes a gente dá cada mancada! Acho que este assun-

¹⁵ Pouco menos da metade das famílias entrevistadas (48%) informaram que recebem regularmente assistência técnica. Destes, a metade recebe orientações de técnicos ligados às associações de agricultores, 18% da EMATER, 18% da ASSESSOAR, 15% de cooperativas, 12% de empresas particulares e 8% de laticínios.

to deve ser mais discutido e aprofundado, não somente com o público com que a gente trabalha, mas também entre nós, “técnicos”, pois direta ou indiretamente somos grandemente responsáveis para romper com muitos preconceitos, tabus existentes, principalmente em relação à valorização do papel da mulher e da família como um todo, no processo produtivo e decisório da propriedade/família. Foi muito positivo, pois me fez refletir em mim mesma enquanto profissional e mulher o meu papel neste contexto.

Observa-se que o técnico (na grande maioria dos casos homens, mas a observação também é válida para os casos em que a pessoa que realiza a assistência técnica é do sexo feminino) procura, em geral, conversar com o homem e não com a mulher. Apenas 6% das mulheres entrevistadas responderam que o técnico se dirige a elas para prestar os serviços de

assistência técnica, enquanto que em 91% dos casos analisados o técnico procura pelos maridos.

Quando se pergunta, porém, “quem acompanha o técnico nas orientações de campo”, percebe-se que a participação das mulheres agricultoras é um pouco mais expressiva: quase 20% (das 36 entrevistadas que responderam a esta questão) afirmaram que são elas próprias que acompanham o técnico. Na suposição de uma ausência do homem, é a mulher que normalmente o substitui (73% dos casos).

A capacitação técnica também pode se constituir num elemento propulsor à atividade de produção de leite e derivados, na medida em que a participação em palestras, cursos e dias de campo sobre práticas de manejo do rebanho e técnicas de produção é fundamental para se viabilizar melhorias na atividade. Nesse sentido, nota-se que, no que diz respeito às palestras e aos dias de campo, os homens

participam com maior intensidade que as mulheres: respectivamente, 58% e 48% dos homens, contra 36% e 12% das mulheres das famílias entrevistadas participaram de atividades destes tipos. No entanto, quando se trata dos cursos sobre leite a participação é equilibrada, sendo 22% tanto para as mulheres como para os homens¹⁶.

Diante dessas considerações acerca da assistência e capacitação técnica, podem ser feitos alguns questionamentos a respeito desses serviços: qual sua eficiência se quem é a principal responsável pela execução da atividade não é considerada público do serviço de orientação técnica? Se é a mulher quem realiza a maior parte das tarefas relativas à produção de leite, por que não é a ela que se dirige ao técnico?

Fica claro, a partir dos diferentes aspectos abordados, que, para os agentes externos à propriedade que se relacionam com a família produtora nos aspectos referentes ao leite, quem representa essa produção é homem, ainda tratado como o “chefe da família”.

Outro elemento que exemplifica essa discriminação das mulheres está relacionado à formalização dos contratos de crédito rural para beneficiar a atividade leiteira. Aproximadamente 45% das famílias pesquisadas já tomaram crédito para essa finalidade. Em 77% dessas 31 famílias foram os homens que assinaram o contrato de crédito, enquanto que em 22% dos casos foi em nome das mulheres que o financiamento foi realizado¹⁷.

¹⁶ Durante as discussões realizadas nos seminários, ficou claro que a alta participação de mulheres em cursos sobre leite está relacionada a cursos sobre beneficiamento do produto, especialmente produção de queijos, e não a conteúdos relacionados à produção propriamente dita (manejo do rebanho etc).

¹⁷ As principais fontes financiadoras citadas foram o crédito rotativo e os programas especiais governamentais. Dentre as famílias que realizaram empréstimos financeiros para investir na produção de leite, 61% utilizaram-se do crédito nos últimos três anos, enquanto que 29% declararam que utilizaram-no há muito tempo atrás.

V

**MULHERES E HOMENS:
MAIS ALGUMAS
SEMELHANÇAS E
DIFERENÇAS**

“Primeira coisa, de manhã cedo, você tem que passar uma água no vasilhame... é lavar os objetos de trabalho, o balde, os latões têm que ser enxaguados com água quente, secado bem secadinho. O filtro também deve ser de novo lavado com água morna e secado... tudo isso já foi lavado um dia antes, porque quando você leva o bujão cheio para a beira da estrada você já traz o outro vazio. E aí você já tem que imediatamente lavar, e deixar escorrendo e no outro dia você tem que enxaguar novamente com água quente e secar bem secadinho... uns pingos de água que fique dá água no leite... as cooperativas hoje exigem bastante. E aí você vai para a mangueira com um balde com água morna, a jarra, pano, lava o ubero das vacas, seca, e faz

a ordenha da vaca. O leite do balde vai para o filtro, coado põe no bujão e leva para a estrada.”

V. 1. AS MULHERES NA PRODUÇÃO

“A produção de leite é para o consumo, e o serviço é feito pela mulher, até a pastagem é feita pela mulher. Só no caso de vacinar os animais (são sete vacas) fazer um curativo etc é que o homem participa deste trabalho... quando não é em larga escala, 90% é feito pelas mulheres... Ela levanta e o primeiro trabalho é esse. Porque depois ela tem que preparar o café e tem que ter o leite, é um dos primeiros pensamentos que ela tem. À tarde também, muitas vezes o homem ainda está na roça e ela já está começando... o primeiro passo é pegar o trato e levar até o cocho da vaca. Muitos têm o costume de deixar a vaca na estrebaria, outros não tem. Pega a vaca, pega o terneiro, deixa ele mamar, tira ele um pouco, depois tira o leite, solta o

Além das informações dadas pelo conjunto da família a respeito da unidade de produção agrícola, foi solicitado especificamente às mulheres entrevistadas uma série de dados complementares.

Para perceber o envolvimento das mulheres no trabalho realizado na unidade de produção familiar, considerou-se importante verificar quais as atividades que desenvolvem, bem como aquelas que preferem desempenhar. Para obter esta informação, o formulário solicitava que cada entrevistada indicasse as atividades que realiza e que destacasse até três atividades de sua preferência, à exceção dos serviços domésticos.

A partir das respostas, observa-se que a grande maioria das agricultoras entrevistadas dedica-se tanto ao trabalho na lavoura como à criação de animais. Das 67 mulheres entrevistadas, 65 apontaram que cuidam dos animais, 62 que trabalham na horta, 58 capinam, 53 traba-

ham na colheita das lavouras, 50 com ervas medicinais, 48 no plantio e 35 na aplicação de adubo. Além disso, 29 mulheres desempenham os serviços de roçada, 26 os de preparo do solo e quatro aplicam agrotóxicos nas lavouras.

Por mais que não houvesse preocupação no sentido de quantificar as horas de trabalho feminino nessas atividades, fica claro que as mulheres agricultoras desempenham papel decisivo na execução das atividades relacionadas à produção, ou seja, seu trabalho de forma alguma pode ser considerado como restrito às atividades de manutenção da família.

Quanto às atividades preferidas pelas mulheres, lidar com as vacas/tirar leite foi a mais apontada, tendo sido lembrada por 61% das entrevistadas; cuidar das criações foi citada por 20%. Cerca de 30% das mulheres apontaram como atividades em que encontram prazer em realizar a capina e o trabalho na horta.

É curioso verificar que é significativa a

porcentagem de mulheres que apontam entre suas atividades preferidas a capina. De acordo com as discussões realizadas nos seminários, esta preferência está associada a dois argumentos.

Em primeiro lugar, consideram que se trata de um serviço em que se vê o resultado do trabalho, o trabalho aparece, tem visibilidade. Isso se contrapõe diretamente à invisibilidade dos serviços domésticos, que precisam ser refeitos cotidianamente (fazer refeição, lavar roupa e louça, arrumar a casa etc) e cuja realização, comumente, só é notada quando

deixa de acontecer. Ainda associado à contraposição ao trabalho doméstico, é apontado como elemento que pesa para a preferência pela capina o fato de ser um trabalho realizado em espaço aberto, amplo, onde “o pensamento voa”.

Em segundo lugar, capinar é regionalmente considerado um serviço “leve”, o que significa ser percebido como um “serviço adequado às mulheres”. É interessante notar

que em outras regiões do país - mais especificamente no sertão da Paraíba, segundo pesquisa realizada por PAULILO (1987) - capinar é considerado um serviço “pesado”, atribuído quase que exclusivamente aos homens e jovens do sexo masculino. Através desse exemplo pode-se perceber claramente que o significado atribuído (trabalho leve ou pesado) a uma tarefa agrícola específica (capinar) é construído socialmente e não a partir de qualquer determinação biológica: o trabalho é considerado mais ou menos difícil, mais ou menos importante, conforme quem o realiza, homens ou mulheres. Também na agricultura familiar o reconhecimento e valorização do trabalho é, então, uma questão de gênero.

V. 2. OS HOMENS NO TRABALHO DOMÉSTICO

Dentro dessa mesma perspectiva, procurou-se verificar qual a participação dos homens nas tarefas consideradas “domésticas”.

De acordo com as respostas dadas pelas mulheres, ape-

nas 20% dos

homens

participam

com

frequência

nesses

serviços,

enquanto

que uma

taxa menor

(14 %)

nunca participa. Segundo as mulheres entrevistadas, quase 60% dos maridos colaboram “de vez

em quando” nas atividades domésticas. A partir dessa aproximação, interessava detectar quais as atividades em que os homens se envolvem com maior ou menor intensidade. O Quadro 8 apresenta a opinião das 67 mulheres entrevistadas a esse respeito.

Os dados mostram que é pouca a partici-

pação dos

homens

no traba-

lho do-

méstico.

Mas mos-

tram tam-

bém uma

realidade

em mu-

dança: o

envolvi-

mento desses maridos nos serviços da casa é, com certeza, significativamente maior do que foi o de seus pais.

Quadro 8: Opinião das mulheres sobre a participação dos homens no trabalho doméstico

Atividades	Nunca	De vez em quando	Com frequência
Lavam roupa	44	9	1
Limpam a casa	34	21	2
Lavam louça	27	27	3
Tiram leite	21	16	21
Fazem comida	14	40	5
Cuidam da horta	13	29	18
Cuidam das galinhas	12	21	25
Cuidam das crianças	4	27	21

Fonte: Pesquisa de Campo/95

A redução do tamanho das famílias, agora com menor número de filhos - mais especificamente de filhas, costumeiramente responsáveis por auxiliar as mães nos trabalhos da casa - é, certamente, um dos fatores que tem provocado um maior envolvimento dos maridos nessas tarefas.

Quando esse assunto foi discutido nos seminários ficou claro, entre brincadeiras, que há mais homens dispostos a realizar tarefas relacionadas ao trabalho doméstico do que a assumir publicamente que as realiza. Em diferentes municípios foram relatados - por mulheres e por homens - casos de maridos que fazem a limpeza da casa, mas que realizam esse trabalho depois de fechar todas as janelas... “assim o vizinho não vê”. Talvez seja por isso que “lavar roupa” seja a atividade doméstica mais evitada pelos homens: o tanque fica fora da casa.

V. 3. LEITE: PROBLEMAS E REIVINDICAÇÕES

“... a gente sempre faz questão de não vender prá indústria... porque o ganho sempre é um pouquinho mais... eu não estou mais fazendo cota, porque a indústria é tão safada, aí eles colocam leite cota e leite indústria... é um sem-vergonhismo mesmo... não adianta você fazer alta cota, que eles roubam do outro lado... ou falta gordura, eles inventam alguma coisa...”

O formulário procurou identificar, a partir do ponto de vista das mulheres, quais os principais problemas na produção de leite, tanto dentro como fora da propriedade.

Quanto aos problemas internos à unidade de produção, os três mais citados foram: alimentação do rebanho (39%), penosidade do trabalho (20%) e falta de recursos financeiros/

alto custo de produção (14%). Foram apontados, ainda, outros importantes entraves, tais como: quantidade e qualidade do rebanho (pequeno e pouco produtivo), condições de infra-estrutura (estrebria), sanidade do rebanho, tecnologia de produção, distância do ponto de entrega do leite e armazenamento do produto.

Os dois problemas externos mais citados foram os relacionados ao baixo preço (45%) e à comercialização, particularmente o alto valor do frete (17%). Além desses obstáculos de caráter mais geral, foram registrados ainda: inexistência de linha de leite, dificuldade de acesso ao crédito, péssimas condições das estradas, classificação do produto, atraso no pagamento (aliado ao fato do pagamento ser mensal), dentre outros.

As reuniões para se debater a realidade da produção de leite têm sido promovidas principalmente pelos STRs, mas também pelas associações, EMATER, cooperativas e prefeituras.

Conforme as entrevistadas, vários dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais dos municípios (onde foi realizada a pesquisa, muitas vezes com o apoio de outras organizações) já desenvolveram lutas buscando solucionar esses problemas enfrentados pelos agricultores familiares.

Ainda segundo as mulheres, a principal reivindicação das lutas realizadas foi referente ao preço do leite (30%). Foram citadas, ainda, reivindicações referentes ao prazo e condições de pagamento, classificação do leite/cota e extra-cota, exigência de sanidade, valor do frete, recursos para crédito e diminuição dos juros dos financiamentos.

Cabe também destacar que quase a metade das agricultoras entrevistadas não lembraram sequer de uma única reivindicação levantada pelo STR de seu município nas lutas por melhorias das condições de produção e comercialização do leite. Esse expressivo desconhecimento das reivindicações encaminhadas

durante as lutas realizadas está provavelmente relacionado ao fato de ser o homem quem “representa” a família no sindicato: é comum ser ele quem acompanha as reuniões, assembléias e manifestações... e talvez não seja sempre que o conjunto da família chega a tomar conhecimento do que foi discutido.

Nos dias de ontem e hoje participei de um seminário sobre uma pesquisa feita na região sobre produção de leite, a qual nos clareou muitas coisas sobre o quanto ainda estamos atrasados no ramo, e as grandes dificuldades que enfrenta o produtor e principalmente a mulher trabalhadora: a sobrecarga na carga horária e os preços baixos, falta de pastagens, pouca produtividade e outros.

CONCLUINDO

Os dados apresentados dão visibilidade ao fato de que na agricultura familiar as mulheres não apenas são as principais responsáveis pelas atividades de manutenção do núcleo familiar, mas desempenham papel fundamental no trabalho relacionado às lavouras e criações.

Mostram que a atuação das mulheres na produção não é reconhecida pelos agentes externos à propriedade e é pouco valorizada dentro da família.

Mas apontam, também, mudanças que já estão acontecendo, frutos da organização, da luta das agricultoras pelo reconhecimento de sua profissão.

Mulheres agricultoras, trabalhadoras, produtoras de alimentos. Seu reconhecimento pela sociedade é parte da luta pelo reconhe-

cimento da importância que tem a agricultura familiar para essa sociedade.

Lutar pela valorização dessas mulheres é entender que a valorização da agricultura familiar passa pela afirmação do valor que têm para a sociedade as pessoas que fazem essa agricultura, homens e mulheres, crianças, jovens e idosos.

E isso coloca um grande desafio para sindicatos, associações, movimentos e organizações não governamentais; para entidades e pessoas; para homens e mulheres.

O desafio de efetivamente incorporar a perspectiva da equidade de gênero. Não apenas nos documentos e discursos, mas no trabalho que desenvolvem, na linguagem com que se expressam, na delimitação de seus públicos-alvo, nas pautas de reivindicações que elaboram, nas políticas públicas que propõem, nas lutas que implementam. Na composição das

direções, nas contratações e liberações. Na formação e capacitação. Em suas relações pessoais. Nas propostas, políticas e ações.

O desafio de lutar pela valorização da agricultura familiar transformando as relações sociais de gênero.

BIBLIOGRAFIA

- do Sul. Dissertação de mestrado (versão preliminar). Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, 1996.
- BELEM, Régis da Cunha. *Síntese sobre a Situação do Leite no Sul do Brasil*. Curitiba, Deser, 1995.
- FARIA, Nalu. *Gênero como marco conceitual para entender a opressão das mulheres*. São Paulo, SOF - Sempreviva Organização Feminista, 1995. (mimeo).
- IBGE. *Censo Agropecuário de 1985*. Rio de Janeiro, 1991.
- MENASCHE, Renata. *Agricultura familiar em mudança: percepções e projetos - o caso da região de Santa Rosa, Noroeste do Rio Grande*
- PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*, 5(28): 64-71, 1987.
- ROGEL GOMEZ, Guillermo & IORIO, Maria Cecília. *Os Pequenos Produtores, a Indústria do Leite e o Sindicato de Trabalhadores Rurais - resultados preliminares*. Rio de Janeiro, CEDI, 1991.

QUEM FEZ O QUÊ?

Coordenação estadual da pesquisa

- Renata Menasche (Deser)
- João Carlos Sampaio Torrens (Deser)
- Salete Escher (CEMTR - Comissão Regional de Mulheres do Sudoeste)
- Silvia Barguil (CEMTR - Coordenação dos Rurais da Região Centro)

Coordenações regionais da pesquisa

- *Sudoeste*: Comissões Municipais e Regional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, Micro Regional Sindical, Central de Associações (CIAPA) e ASSESSOAR

- *Centro*: Comissões Municipais de Mulheres Trabalhadoras Rurais, Coordenação dos Rurais e RURECO.

Colaboradores

- *Discussão na fase de elaboração dos formulários*: Amadeu Bonato (Deser) e Régis da Cunha Belem (Deser)
- *Elaboração do programa para tabulação dos dados*: Amadeu Bonato (Deser)
- *Digitação dos dados*: Fernanda de Negri
- *Assessoria na construção da metodologia dos seminários*: Sirley Maciel (SINDASPP)
- *Apoio*: Moema Hofstaetter (Deser), Ivone Ataíde (Deser) e Arnaldo de Campos (Deser)
- *Edição*: Michelle Thomé (Deser) e An-

drea Gaifami (Deser)

- *Depoimentos:* foram entrevistados Genês da Fonseca (APACO), Luis Pirin (DETR/PR), Maria Salete Escher (CEMTR/PR) e Roseli Cordeiro Eurich (Coordenação dos Rurais da Região Centro/PR). Participaram do grupo que trabalhou sobre a rotina de trabalho de homens e mulheres na produção de leite no Seminário da CEMTR as lideranças Anastácia Kunrath (Laranjeiras do Sul), Circe Rodrigues Padilha (CEMTR), Rosmeri Baldissera (Santa Izabel do Oeste) e Zélia Maria Santim (Medianeira).

Os entrevistadores

Realizaram as entrevistas 30 pessoas de 21 entidades diferentes (Comissões Municipais de Mulheres Trabalhadoras Rurais*, Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Associações, entidades-

membro das coordenações regionais e estadual a pesquisa e outras). Dos 30 entrevistadores, 22 são lideranças / dirigentes de organizações de agricultores e oito são técnicos/assessores.

Francisco Beltrão

- Circe Padilha (Comissão Regional de Mulheres)
- Janete Siniuk (Comissão Regional de Mulheres)
- Loreni Alves (Comissão Regional de Mulheres / Pranchita)
- Luciana Rafagnin (vereadora)
- Luiz Possamai (CIAPA)
- Renata Menasche (Deser)
- Rosmeri Baldissera (Comissão Regional de Mulheres / Santa Izabel do Oeste)
- Salete Escher (CEMTR)
- Sonia Aparecida Lira (Comissão Regional de Mulheres / Nova Prata do Iguaçu)
- Terezinha Suquensk (STR)
- Zélide Possamai (STR).

Nova Prata do Iguaçu

- Delvino Cardoso (STR)
- Edson Antonio Felipe (STR)
- Enio Lira (STR)
- Levi Lira (STR)
- Luiz Possamai (CIAPA)
- Salete Escher (CEMTR)
- Sonia Aparecida Lira (Comissão Regional de Mulheres).

Santa Izabel do Oeste

- Circe Padilha (Comissão Regional de Mulheres / Francisco Beltrão)
- Gilmar Baldissera (STR)
- Renata Menasche (Deser)
- Rosmeri Baldissera (Comissão Regional de Mulheres).

Pranchita

- Altamiro Dutra (STR)
- Janete Siniuk (Comissão Regional de Mulheres)
- João Carlos Sampaio Torrens (Deser)

* As pessoas que compõem a Comissão Regional de Mulheres (Sudoeste) fazem parte das Comissões Municipais de seus municípios.

- Loreni Alves (Comissão Regional de Mulheres)
- Sadi Grisa (Emater)
- Silvia Michelin (STR)
- Valmiro dos Santos (Prefeitura).

Pitanga

- João Carlos Sampaio Torrens (Deser)
- Joaquim Pereira Neto (ASSITEC)
- Karin Lucas (Coordenação dos Rurais da Região Centro).

Turvo

- Gerardus Schipper (STR / Associação / RURECO)
- Silvia Barguil (Coordenação dos Rurais da Região Centro)
- Terezinha Bonetti (STR / Associação)
- Yeda Baggio (STR / Associação).

Laranjeiras do Sul

- Anastácia Kunrath (STR)
- Cláudio Marques (RURECO)
- Gilmar Negretti (CELAR)
- Renata Menasche (Deser).

As famílias entrevistadas

Foram 69 famílias entrevistadas, atingindo um total de 169 pessoas que responderam aos formulários para levantamento de dados (estão assinaladas com “*” as pessoas entrevistadas que participaram dos seminários municipais da pesquisa - 73 entrevistados de 44 famílias diferentes).

Francisco Beltrão

- Zelinda e Olivio Perin
- Terezinha e Neri* Heckler
- Nelci* e Ari* Forlim
- Roseli e Alois* Bednaski
- Hulda, João Roberto e Adriana Feiten
- Maria, Honorino* e Roseli Santin
- Ilda* e Wilmar Vandresen
- Adelir, Arlindo* e Adriana Testa
- Elsi e Valdo Mariam
- Zaira e Cilio Cambrusi

Nova Prata do Iguaçu

- Olinda*, Elci* e Enio Lira

- Terezinha* e Darci* Lira
- Lurdes e João Dalberto
- Aldair e Nilvo Francischetto
- Omilde, João e Volnei Mascarello
- Jurema e Delvino da Silva
- Anita, Everaldo, Nelson* e Nelci Francischetto
- Maria, Manoel e Edemilson Bonim
- Zilda*, Lauro* e Roselene de Almeida
- Ana*, Flavio* e Marisol de Almeida

Santa Izabel do Oeste

- Marilde*, Atílio* e Jucimar Tamanho
- Maria Salete*, Adão* e Rafael Alerico
- Ana* e Valdomiro Pizzato
- Estácia* e Irineu* Theis
- Helena*, Emílio e Gilmar Bigaton
- Amália* e José* Cuppini
- Otilia, Domingos e Enileide Storch
- Iris* e José* Antunes
- Delinda e Rafael Kemper
- Noeli e Leonel Baptalin

Pranchita

- Lucia, Marino, Marlene* e Pedro Guerra

- Lurdes e Aristides* Sanches
- Alsida*, Anselmo* e Assis Cavanhol
- Zeliria* e Avelino Algeri
- Nadir* e Anatálio* Munari
- Ivanir e Adão Barbosa
- Lissonia*, Romaldo e Valdemir Pauvels
- Elsa*, Arno* e Cinara Hermann
- Marlene e Marcelino* Dalla Brida
- Ielva* e Pedro* Passaia

Pitanga

- Maria Jocelia* e Eliani* Bertoncello
- Laura*, Agenor e Adriana Machado
- Nair, Elis e Cleusa Lateczuq
- Terezinha e Luis* Volski
- Zenóbia e Pedro de Godói
- Aliene* e Nelson* Lambre
- Edite*, Gustavo e Adriana Lauer
- Ivonete* e Ademar* Pereira
- Maria e Oclides* Parpinelle

Turvo

- Regina e Vicente Soeth
- Elveni e Nildo Ehrig

- Brizolda*, Clair* e Rodolfo* Much
- Anilda*, Natalino* e Vanda* Pereira
- Olivina, João e Yolanda Costa
- Terezinha e Miguel Langer
- Lurdes* e Darci* Gobe
- Jacira e Claudio de Matos
- Zelirde, Otavio e Roseli Pereira
- Ernestina e Ivanor Bini

Laranjeiras do Sul

- Antonia, Vitório e Vanderlei da Paixão
- Josepina* e Moacir Castilho
- Idite*, Moacir e Talita* Tabaldi
- Anastácia*, Hermeto e Mirna* Kunrath
- Lourdes e Celestino Ramber
- Benvinda e Juvenil Parizotto
- Inês* e Roberto* Macedo
- Genoci*, João Maria* e Jolmir* Nunes
- Maria* e Neroci* Cavalli
- Maria* e Avelino* Dariz

O QUE É A CEMTR?

A **Comissão de Mulheres Trabalhadoras Rurais**, criada em 1989, é uma organização de base estadual representativa das mulheres agricultoras. Vinculada ao Departamento Estadual dos Trabalhadores Rurais da Central Única dos Trabalhadores do Paraná, a CEMTR tem como eixo central de sua atuação a luta pelo reconhecimento da profissão das agricultoras. As comissões municipais, regionais e estadual são espaços de organização, reflexão e formulação de propostas e lutas das mulheres agricultoras, a partir da perspectiva da equidade de gênero. Têm também por objetivo provocar e alimentar a construção dessa perspectiva no conjunto das questões colocadas para o movimento sindical, garantindo a participação das mulheres nas demais organizações. A CEMTR

atua sistematicamente nas regiões Sudoeste, Centro, Sul e Oeste do Paraná, sendo que seu trabalho é mais estruturado nas duas primeiras regiões.

Desde a sua formação, esta comissão tem participado ativamente das atividades e lutas desenvolvidas pelo sindicalismo rural, especialmente as referentes à aposentadoria e ao salário maternidade. Realizou ainda campanhas de conscientização dos direitos das agricultoras que alcançaram grande sucesso: campanha de documentação; campanha de sindicalização das mulheres; campanha “bloco do produtor para as mulheres”; campanha “mulher trabalhadora rural, declare sua profissão”. Além disso, produziu a cartilha “Construindo Novas Relações na Agricultura Familiar. Reflexões sobre relações de gênero nas cadeias produtivas de leite, milho e plantas medicinais”, que vem sendo utilizada pelas comissões municipais para a realização de reuniões com agricultoras e agricultores em cada comunidade de sua área de atuação.

O QUE É O DESER?

O Deser - Departamento Sindical de Estudos Rurais foi fundado em 14 de junho de 1988 visando acompanhar as demandas crescentes de assessoria técnica e formação dos movimentos populares. Seja pelo quadro associativo, seja pela composição da direção, o Deser é vinculado aos diversos setores organizados ou organizadores dos agricultores familiares: Movimento Sindical Cutista, movimentos específicos (Sem Terra, Mulheres, Atingidos por Barragens), associações, cooperativas, pastorais e entidades de assessoria.

O setor sindical tem prioridade, tanto no atendimento às demandas de assessoria, como na composição da direção (a diretoria e composta por 70% de sindicalistas). Atualmente, o

Deser desempenha atividades, na região Sul, mas está progressivamente sendo chamado a ocupar um lugar de maior responsabilidade no âmbito nacional e macroregional (Mercosul).

Os programas que o Deser implementa para desempenhar suas tarefas são organizados da seguinte maneira:

- Política Agrícola*
- Crédito Rural*
- Conjuntura de Mercado*
- Cooperação Agrícola*
- Agricultura Familiar*
- Projetos de Desenvolvimento*
- Relações Sociais de Gênero*
- Reforma Agrária*
- Cadeias Produtivas*
- Mercosul*
- Previdência Social*
- Seguridade Social*
- Saúde*
- Formação*
- Sindicalismo*

O Deser publica mensalmente o Boletim do Deser, com as principais informações da agricultura e indicadores econômicos. Para receber o Boletim e ficar informado das demais publicações do Deser, faça uma assinatura.

Valores das contribuições anuais para associação e recebimento do Boletim

Sindicatos de Trabalhadores Rurais

Até 1000 associados.....	R\$ 30,00
De 1001 a 2000 associados.....	R\$ 40,00
Acima de 2001 associados.....	R\$ 80,00
Entidades de assistência técnica/assessoria.....	R\$ 80,00

Associações e cooperativas de agricultores

Até 100 associados.....	R\$ 30,00
De 101 a 500 associados.....	R\$ 40,00
Acima de 501 associados.....	R\$ 80,00

Somente para pessoas físicas

Contribuição individual para receber o Boletim.....	R\$ 30,00
---	-----------

Deser

Departamento Sindical de Estudos Rurais

Rua Ubaldino do Amaral, 347

CEP 80060-190 Curitiba-PR

tel (041) 262-1842 fax (041) 262-3062 Internet <deser@ax.apc.org>

Maria-sem-vergonha de ser mulher

*Já são tantas. Milhares. Milhões. Uma verdadeira
rama, florescendo por todo o planeta. Lilás.*

São Maria-sem-vergonha de ser mulher.

*Não são só florzinhas. São mulheres se
agrupando, misturando suas cores, gritando
seus encantos, exibindo suas verdades.*

São domésticas, bailarinas, médicas,
estudantes, bancárias, professoras, escritoras,
garis, brancas, negras, índias, meninas...

[São agricultoras...]

São sem vergonha de lutar, acreditar,
denunciar, exigir, reivindicar, sonhar...

*São Maria-sem-vergonha de dizer que ainda
falta trabalho, salário digno, respeito...*

Que ainda são vítimas da violência física, da
porrada, do assédio, do estupro, do aborto, da
prostituição, da falta de assistência...

*São Maria-sem-vergonha de se indignar diante
do preconceito, da escravidão, da injustiça, da
discriminação de seus cabelos pixaim e à sua
pele negra...*

São Maria-sem-vergonha de brigar por creches,
educação, saúde, moradia, terra, comida, meio
ambiente, pelo direito de ter ou não ter filhos...

*São Maria-sem-vergonha de ficar bonita, pintar a
boca e da sua boca soltar um beijo que não vem da
boca, mas de seu ser inteiro, indivisível, solidário.*

São Maria-sem-vergonha de dizer NÃO, de buscar
alegria, prazer... Sem vergonha de se cuidar, de
usar camisinha e de se apaixonar. Atrevidas.

*Maria sem vergonha de decidir, fazer política,
escolher e ser escolhida. São essas sem vergonha
que a cada tempo mudam a história.*

Conquistam direitos. Dão a vida.

*Geram outras vidas. Insistentemente,
desavergonhadamente vão tecendo de cor e
beleza, o desbotado das relações humanas.*

Sem medo, sem disfarce, sem vergonha de ser
feliz vão parindo com dores e delícias um novo
mundo prá mulheres e homens.

*Um novo mundo prá “comunidade dos seres” -
humanos, plantas e animais.*

Nanci Silva
(Campo Grande - Mato Grosso do Sul)

Departamento Sindical de Estudos Rurais
Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Paraná

GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR

COTIDIANO DE VIDA E TRABALHO NA PRODUÇÃO DE LEITE